

NOVEMBRO DE 1925



M.elle Maria Leonor d'Aguiar d'Andrada dos Santos e Silva,
gentilissimo ornamento da nossa sociedade

ALMA NOVA

REVISTA PORTUGUESA
EDITORIA: LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^a-R. AUREA, 186-188

LISBOA

“ALMA NOVA”

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL,
LATINISMO E INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Redacção e Administração

186, Rua Aurea, 188
LISBOA

TELEFONES : { N. 5396
 { C. 3936

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Continente e Ilhas, Trim. (3 n.)	7\$50,	Sem. (6 n.)	15\$00,	Ano (12 n.)	30\$00
Colónias e Espanha	» »	» »	17\$00,	» »	33\$00
Brasil (réis brasileiros)	» »	» »	8\$000,	» »	15\$000
Outros países	» »	» »	» »	» »	50 Frs.

Número avulso 2\$500

Representantes e Agentes

Em todo o continente,
Ilhas, Colónias, Brasil
e principais
cidades de Espanha,
França, América
do Norte, etc.

Avisamos os Ex.^{mos} assinantes antigos de que as suas quotas, até ao fim do corrente ano, se referem aos números que vão indicados no parêntesis, devendo todos os assuntos aos mesmos respeitantes ser tratados na C. de João do Rio, 8, 4.º — LISBOA

III.^a Série — Num. 32 (33 e 34)

SUMÁRIO

Novembro de 1925

CAPA: M. ^{lle} Maria Leonor d'Aguiar d'Andrada dos Santos e Silva	Royal Photo — Lisboa
GRANDES DE PORTUGAL: Gama Barros (c. fot.)	Luis Saavedra Machado
CRONICA (c. il. de Roberto Nobre)	Alcântara Carreira
UM MONUMENTO A ANTERO DE QUENTAL	Redacção
O ULTIMO ANTERO (escultura)	Diogo de Macedo
NOCTURNO (soneto)	Antero de Quental
O GRANDE CIRCUITO HÍPICO DE PORTUGAL (c. fot.)	Redacção
OS NOSSOS GRANDES INDUSTRIAIS DO LIVRO: José Afra.	»
OS NOSSOS COLABORADORES (c. fot.)	»
AS NOSSAS POETISAS: Mártires (soneto)	D. Branca de Gonta Colaço
ACTUALIDADES (c. fot.)	Redacção
SALA DE VISITAS (c. fot.)	»
PAGINA DO ALGARVE: A «Casa dos Algarvios» em Lisboa	Mateus Moreno
O poema «Descendo» de João Lúcio	José Dias Sancho
TERRAS DE PORTUGAL: As Romarias da Beira (c. fot.)	José Osório
TEATROS — MÚSICA — CINEMAS: A abertura da época (c. fot.)	Redacção
O BRASIL DE HOJE: A bordo do «Benevente» (c. fot.)	»
EPISÓDIO MUNDANO: Lever de «rideau»	Alcântara Carreira
A VIAGEM DOS ESTUDANTES PORTUGUESES AO BRASIL: I — A' tuna de Coimbra, no seu regresso.	»
AS FESTAS DOS MERCADOS (c. fot.)	Redacção
II — O regresso do Orfeon Académico de Lisboa (c. fot.)	»
VIDA DESPORTIVA: «Raid» hípico, Foot ball, Hockey, Motor (c. fot.)	Dias de Sousa
CARICATURA: Fazenda cara	J. Saavedra Machado
ROJÕES E BANDARILHAS: A Festa dos Touros (c. fot.)	Pépe Luis
SAUDAÇÃO AO BRASIL!	M. Gomes dos Santos
AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES: Para que sejais «Homens» (c. a escul- tura Af. Henriques de Soares dos Reis)	A. Reis Machado
RECORDAÇÕES E NOVELAS: O Relógio da minha Escola (c. ils. de Roberto Nobre)	José Guerreiro Murta
NOTAS SUBSIDIARIAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRAN- DE GUERRA: Tit. II — Livros (verso)	Cap. José Brandão
HORS-TEXT: Claustro do Convento da Conceição em Beja (tricromia)	Alberto de Sousa
	Noticiário, publicidade, etc.

Por estarmos reconstituindo a lista de todos os nossos directores de secção, representantes das provincias e colonias, colaboradores, etc. foram tirados, temporariamente, do cabeçalho os nomes que até ao último número constituíram o elenco redactorial desta revista

LIVROS Á VENDA NA “ALMA NOVA”

Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia, 1. vol. il.	4\$00	O Icosimil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADVALE	2\$00
Na guerra e na paz — Sinfonia Macabra, id., (3. ^a ed.)	2\$00	A Educação Moral — Pelos exercícos de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA, prof. efectivo dos liceus. Recomendado pelo D. do G.	4\$00
Minha Pátria — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id., id., 2. ^a edição, broch., 3\$00, cada livro	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Cantigas (2. ^a edição), por REBELO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luis Chaves 1 vol. broch.	2\$50	Eça de Queiroz — «Revelado por uma illustre senhora de sua familia» (D. C. D'ÊÇA DE MELO)	3\$00
Odes de Anacreonte, por LUIS CALADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto)	8\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRÓ CÉSAR e CRUZ MA- GALHÃES, 1 vol. broch, com il. de Rafael Bordalo	5\$00	A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES 1 op. ils.	1\$00
A «Alma Nova» vol. I e II da 3. ^a série, enc. 25\$00, broch.	15\$00		

DIREITO PORTUGUES E BRASILEIRO
MANUEL GOMES DOS SANTOS

ADVOGADO

(com procuradoria no Brasil)

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º — TELEF. C. 3156
LISBOA

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civis, comerciais e criminaes

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º E.º — TELEF. C. 957
LISBOA

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA



No ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número de alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente á propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vês maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciavam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escritação e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua séde.

OS GLOBULOS HOMOEOPATICOS

- DO -
Dr. HUMPHREY

Os remedios caseiros ou de familia não tem rival, são de facil applicação, não causam dano e todo o mundo conhece a sua *eficacia* excepcional

- 1 Cura as congestões, inflamações.
- 2 » molestias causadas por lombrigas.
- 3 » colica, molestias das crianças, dentição.
- 4 » diarreia em crianças e adultos.
- 5 » desinteria, colica buliçosa.
- 6 » cólera, colera-morbus. Vomitos.
- 7 » tosse, resfriados, bronquites.
- 8 » dór de dentes, dóres nevralgicas.
- 9 » dór de cabeça, vertigens.
- 10 » dispepsia, indigestão.
- 11 » menstruação escassa ou dolorosa.
- 12 » leucorréa ou menstruação profusa.

- 13 Cura croup, tosse rouca, laringite.
- 14 » herpes, crupções, erisipela.
- 15 » reumatismo ou dóres reumaticas.
- 16 » febres paludosas, sezões.
- 17 » hemorroidas.
- 18 » oftalmia, olhos fracos ou inflamados.
- 19 » catarro, influenza, defluxo.
- 20 » coqueluche ou tosse convulsa.
- 21 » asma, respirar difficil, oprimido.
- 22 » supuração dos ouvidos, dór de ouvidos.
- 23 » escrófula, Inchações e ulceras.
- 24 » debilidade geral, fraqueza física.

- 25 Cura hdropela, accumulações fluidas.
- 26 » enjôo do mar, nauseas, vomitos.
- 27 » molestias dos rins, calculos renals.
- 28 » debilidade nervosa, fraqueza vital.
- 29 » doencas da boca, aftas.
- 30 » molestias urinaarias, bexiga.
- 31 » menstruação dolorosa, prurite.
- 32 » molestias do coração, palpitações.
- 33 » epilepsia, baile de S. Vito.
- 34 » mal de garganta, ulceração da garganta.
- 35 » congestões crónicas, dór de cabeça.
- 36 » gripe e constipações, durante o verão.

Venda em todas as farmacias. Depositario em Portugal:

RIBEIRO DA COSTA & C.^a

150, Rua do Arsenal, 152 — LISBOA

que distribuem ou enviam gratis a quem os requisitar os folhetos ilucidativos para uso destes remedios.

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

NÃO DE-
MORE A
REMESSA
DO SEU
ANÚNCIO
PARA O
PRÓXIMO
NÚMERO

Litografia MATA

★ | A MELHOR OFICINA DO PAIS | ★

Trabalhos litográficos
em todos os géneros

Os mais baratos
por serem os mais perfectos

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho
transparente, "couché", e algodão.
Jogos da Glória, Assalto, Dominó, Loto, etc. Venda
avulsa de rótulos para licores, xaropes, aguardente, etc

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 —
LISBOA TELEF. 3623 C.

Officinas — R. do Barão, 2 a 4, 4.º Sé (Edificio proprio)
LISBOA TELEF. 6177 C.

P. G. MARQUES

E
IRMÃO, L.^{DA}

EXPORTAÇÃO
DE FRUTOS
DO ALGARVE



UNICOS AGENTES
NO ALGARVE
DO

MARREIROS

E
BARROCOSO

INSTALAÇÕES
DE ILUMINAÇÃO
ELÉTRICA



FORÇA MOTRIZ



TELEFONES
CAMPAINHAS
E PÁRA-RAIOS

”
F
O
R
D
”

MOTORES MARÍTIMOS

“KELVIN”

Sociedade Lusitana de Máquinas, L.^{da}

RUA GARRETT, 36, 3.^o

L I S B O A

COM
PLE
TO

SOR
TI
DO

EM

AUTOMÓVEL
UNIVERSAL



GRANDE STOCK
DE PEÇAS
SOBRECELENTES

83, R. Conselheiro Bivar, 83-A

F A R O

ENDEREÇO TELEGRAFICO: “PEGOMAR”

LATOARIA
DINAMOS
MOTORES
E
VENTOINHAS

Rua Conselheiro Bivar, 1
Praça D. F.^{co} Gomes, 1

F A R O

AGENCIA HAVAS

AGENCIA DE ANUNCIOS PARA TODOS OS
JORNALS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS

Rua Augusta, 270, 1.^o—LISBOA—Telefone 2868

Rua do Ouro, 30, loja—LISBOA—Telefone 2199

Rua Formosa, 35 e 37—PORTO—Telefone 757

PUBLICAÇÕES
BRASILEIRAS
A' VENDA
NESTA
ADMINISTRAÇÃO

Vida Domestica

Importante e luxuosa
ilustração mensal
do *Lar e da Mulher*

DIRECTOR :

Jesus Gonçalves Fidalgo

GERENTE :

Frederico Jarque

REDACTOR-SECRETARIO :

Renato Travassos

RIO DE JANEIRO

DA GRANDE EMPREZA SOCIEDADE ANONIMA

« O MALHO »

GERENTE: **Léo Osorio**

Ilustração Brasileira

Magnifica illustração mensal, quatro tricromias em cada numero,
soberba colaboração

DIRECTORES :

Dr. Alvaro Moreyra e J. Carlos
Leitura para Todos

Linda revista mensal ilustrada

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**
Para Todos

Bela revista semanal ilustrada

DIRECTORES :

Dr. Alvaro Moreyra e Mario Behring
O Malho

Interessantissima revista semanal, a mais popular
e antiga do Brasil

REDACTOR-CHEFE :

José Lopes dos Reis
Tico-Tico

A querida revista das creanças brasileiras

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**
RIO DE JANEIRO

AOS
PREÇOS
DO
NOSSO
MERCADO

Frou-Frou

Elegante e original magazine
de luxo

DIRECTOR :

Manuel Santos

PROPRIETÁRIOS :

Santos & C.^a

RIO

DE

JANEIRO

Folha da Manhã e Folha da Noite

SCINTILANTES JORNAES DIARIOS DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO

Director: **OLIVAL COSTA**

Terra e Mar

QUINZENAL, ESPLENDIDA REVISTA DE DESPORTOS, DA MESMA CAPITAL

Directores: **Taclano de Oliveira, Carlos de Campos e Bymton Junior**

Os nossos Camilistas



DR. A. VELOSO DE ARAUJO

Distinto engenheiro-agrônomo e escritor, a-pezar de se considerar ainda «um novo na idade e nas letras» pertence já, com justificados pergaminhos, á ala dos melhores e mais devotados camilistas. O seu último volume, *Camilo em San-Miguel-de-Séide*, revelam-no um criterioso investigador e analista profundo, sem que deixe de ser um cultor do estilo.

MALA REAL HOLANDESA

Vapores a sair
em Novembro :

Para a América do Norte :

«PROVIDENCE», a 19

Para o Levante e Marselha :

O paquete «BRAGA», a 22

Para o Brasil :

«FLANDRIA», a 1

«GELRIA», a 15

«ZEELANDIA», a 29

*Para Vigo, Southampton, Cherbourg
e Amsterdam :*

«AZZELANDIA», a 10

«ORANIA», a 24

Os nossos Pedagogos



DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA

Professor efectivo do Liceu de Setubal e escritor muito culto, autor do interessante e útil livrinho da coleção da *Alma Nova*, «*A Educação Moral pelos Exercícios de Redação*», sobre o qual o *Diário do Governo* acaba de publicar o parecer da comissão encarregada de apreciar os livros para o ensino secundário, parecer que lhe é não só inteiramente favorável, mas ainda altamente elogioso das qualidades pedagógicas e literárias do autor.

A C R I S E D O E N S I N O R E S O L V I D A E M P O R T U G A L

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

C U R S O S D E
A E R O N Á U T I C A
A U T O M O B I L I S M O
E L E C T R I C I D A D E
"C H A U F F A G E" C E N T R A L
C I M E N T O A R M A D O

Ensino sempre por correspondência. Todos os cursos em lingua franceza. Diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D-LISBOA

Segurai as vossas vidas, os vossos haveres e os vossos empregados
na **ALIANÇA SEGURADORA**
RUA DA ASSUNÇÃO, 42 - LISBOA

U M C O N V I T E !

A T O D O S O S Q U E S E I N T E R E S S A M

• • • • P E L O D E S E N H O • • • •



«Croquis» de um aluno

PELO desenho podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O CURSO A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os principios de desenho, pelo seu único método de ensino individual e pessoal. Vencereis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artisticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como ai chegam! Déem hoje o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso album de luxo, ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

Não há um dia que não saibamos de novos êxitos de alunos. Extracto de «Bulletin Trimestrel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo sêto:

«M. de Chambertrand (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado dêse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Folgo muitissimo em transmitir-lhes as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lhe igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, applicando-o à illustração, à moda, à publicidade, à ornamentação, etc., etc.

COURS A. B. C. de Dessin «Atelier 112»

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS — FRANÇA

Director Literário:
Alcântara Carreira
Director Artístico:
Saavedra Machado

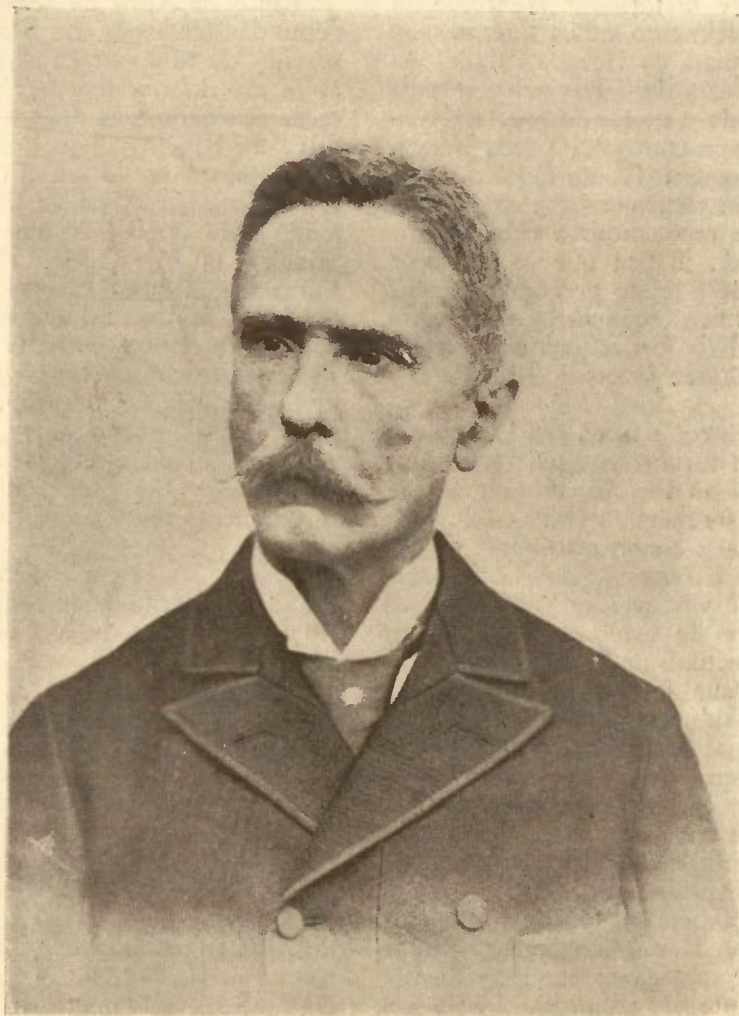
ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

Director Literário:
Mateus Moreno
Director Gerente:
José Afra

Secretários } M. Gomes dos Santos
Rebeto de Bettencourt

LISBOA — NOVEMBRO DE 1925

Editora } Livr. J. Rodrigues & C.
186 — Rua Aurca — 188



Gama Barros

EXEMPLO DE ISENÇÃO E DE ESTUDO, DIGNO DE SER APONTADO AOS FUTUROS TRABALHADORES INTELECTUAIS DE PORTUGAL, A RECENTE MORTE DESTES GRANDE HISTORIÓGRAFO, EMULO DE HERCULANO, REPRESENTA UMA PERDA IRREPARÁVEL PARA A CIÊNCIA PORTUGUESA
A "ALMA NOVA," NÃO PODIA DEIXAR DE CURVAR-SE REVERENTE ANTE A SUA GLORIOSA MEMÓRIA

GRANDES DE PORTUGAL

GAMA BARROS

I

EM 29 de Agosto, avergado ao pêso dos seus 92 anos, finou-se na sua residência, na rua de Fernandes Tomás, o eminente historiador Henrique da Gama Barros. O seu falecimento quasi que passou despercebido à labuta contínua da vida da cidade, registado apenas em meia dúzia de linhas pelos jornais de grande curso (1). Contudo a morte de preclaro continuador de Herculano representa uma perda irreparável para a ciência portuguesa. E' um tanto desconsolador para os obreiros conscienciosos que se dedicam à tarefa ingrata e rude de reconstituir a vida do passado, o verem a minguada justiça que às vezes os contemporâneos e o grande público prestam aos seus méritos e canseiras scientificas, quando a cada passo se tributam encomiásticos louvores a qualquer politico sem escrúpulos ou a qualquer favorecido literato de empresas jornalísticas.

Henrique da Gama Barros nasceu em Lisboa em 23 de Agosto de 1833, e foram seus pais João Manuel de Barros e D. Maria da Piedade da Gama Barros. A sua vida, quasi toda repartida entre os deveres dos cargos que occupou e a construção dêsse monumento imorredouro que é a *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, é um exemplo de isenção e de estudo a apontar aos futuros trabalhadores intellectuais de Portugal. Em 1854 concluiu em Coimbra a sua formatura em direito, após o que foi nomeado sub-delegado do procurador régio do 1.º distrito criminal de Lisboa, lugar que desempenhou desde 3 de Agosto de 1854 até Outubro de 1855. Em Dezembro de 1857 foi nomeado administrador de Sintra, de onde transitou para o 2.º bairro (Bairro Alto) em 1862; em 1869 foi provido no cargo de secretário geral do govêrno civil de Lisboa, e em 1876 e 1878 exerceu também as funções de governador civil. Em 18 de Dezembro de 1873 foi-lhe conferida a carta de conselho; em 1877 foi nomeado vogal suplente do Supremo Tribunal Administrativo e em 3 de Janeiro de 1879 conselheiro efectivo do Tribunal de Contas, de que foi presidente desde 1900. Em 28 de

Maio de 1906 foi elevado ao pariato, tendo militado no partido regenerador liberal desde 1901.

Em 8 de Abril de 1886 foi eleito sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa, tendo-lhe servido de titulo de candidatura o 1.º volume da *Historia da Administração Publica* e tendo sido o parecer assinado por Inácio de Vilhena Barbosa, José Silvestre Ribeiro, João Pedro da Costa Basto e Delfim de Almeida, que o leu em sessão de 26 de Março de 1886. Em 6 de Abril de 1893 passou a sócio efectivo, tendo sido o parecer assinado por Inácio Francisco Silveira da Mota, João Pedro da Costa Basto e por Jaime Constantino Freitas Monis, que parece ter sido o relator. Em 4 de Fevereiro de 1915 foi proclamado sócio de mérito e em 26 de Fevereiro sócio emérito (2). Era também sócio correspondente da «Academia Real de la Historia de Madrid». A sua morte foi quasi inesperada, pois pouco antes, no dia do seu aniversário natalício, ainda conservava uma viveza que não deixava prever tão rápido falecimento, tendo trabalhado últimamente algumas horas por dia, até quasi se extinguir.

Como se vê, a biografia dêsse prodigioso mentor da moderna historiografia portuguesa, a poucos traços se limita, pois a sua existência decorreu serenamente, já no rebuscar infatigável e operoso de documentos nos arquivos, já no estudo, já na elaboração da sua obra monumental, já no desempenho das funções publicas que exerceu.

Em 1860 deu à publicidade o *Reportorio Administrativo - Dedução Alfabética do Codigo Administrativo de 18 de Março de 1842 e da Legislação correlativa até 1860*. Mas a sua obra prima é a *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, deque estão publicados quatro volumes: vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885, 650 páginas; vol. II, Lisboa, Tip. da Academia das Sciências, 1896, 413 páginas; vol. III, Lisboa, Tip. de Castro Irmão, 1914, 898 páginas; vol. IV, Tipografia de Castro Irmão, 1922, 515 páginas; corria agora a redacção de um quinto volume.

(1) Na *Encyclopédia Portuguesa*, publicada sob a direcção de Maximiliano de Lemos, não encontrei mencionado o nome de Gama Barros. Assim se prezam neste país os seus filhos mais illustres.

(2) Devo estas informações à amabilidade do Sr. Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, meu colega na Faculdade de Letras e 1.º official da Academia das Sciências de Lisboa

O

C R Ó N I C A



MATEUS Moreno - poeta, prosador, militar e patriota, — e João Saavedra Machado — homem de arte e de letras, — quando em Maio último segui pela décima nona vez para o Brasil, convidaram-me a entrar para a direcção da «Alma Nova».

No meu regresso, respondi.

Mas ao voltar vim investido de múltiplas missões; entre elas, representar os scintilantes jornais de São Paulo, «Folha da Manhã» e «Folha da Noite», e as esplêndidas revistas «Ilustração Brasileira», «Leitura para Todos», «Para Todos», «O Malho», «Vida Doméstica» e «Frou-frou», do Rio de Janeiro; «Novíssima» e «Terra e Mar», de São Paulo; e o «A B C», de Lisboa, — o querido «A B C», — entregava-me a sua direcção literária, para o Brasil.

A-pesar-de já ser muito para os meus frágeis ombros, não hesitei, — aqui estou.

Aqui estou, mas apenas para acompanhar aqueles meus dois camaradas, até á conclusão da presente série da «Alma Nova» — o que se efectuará com o próximo número do Natal — e a seguir fundirmos o seu programa de Resurgimento Nacional e o meu de Intercâmbio Luso-Brasileiro, numa publicação com intuítos ainda mais amplos e sob o sintético titulo de «Ilustração Latina».

O pensamento de nobre patriotismo que tem mantido a «Alma Nova», não desaparecerá assim. Ele passa integralmente para a nova publicação.

A «Ilustração Latina» continuará, igualmente, a pugnar pelo Resurgimento Nacional e pelo Intercâmbio Luso-Brasileiro. Mas visará também outros alvos mais vastos e profundos, como o seu título presuppõe — a união, a defesa e a propaganda da Latimidade e das Nações suas aliadas.

Inserirá, por isso, nas suas colunas, resumos dos valores e das possibilidades das nações latinas da Europa, especialmente as de correntes emigratórias para as duas Américas, e da Inglaterra, que é a nossa aliada, e de parte das referidas nações; o mesmo fazendo quanto ás nações de origem latina da América do Sul, especialmente o Brasil, e da sua natural aliada — a América do Norte. E isto nas próprias linguas desses países, para que reciprocamente se conheçam, se estimem, se unam e formem um formidável bloco mundial.

Éscusado é dizer que não pretendemos atingir, por nosso modesto esforço, semelhante finalidade, mas apenas apontá-la, desenhá-la, oferecendo assim o nosso pequeno concurso para a sua realização, da qual antevemos não só a felicidade para os povos que desse grupo farão parte, mas para o resto da humanidade, pois que a Raça Latina, uma vez firmado o seu legítimo lugar ao Sól, deixou de ser a Conquistadora, para ser a Civilizadora!

E para que tudo esteja no seu devido lugar e cada um já no seu posto, á

hora a que a «Ilustração Latina» aparecer, estes dois próprios últimos números da «Alma Nova» terão já como Director Gerente o nosso querido amigo Ex.^{mo} Sr. José Afra, culto espirito e considerado industrial do livro, sócio gerente da importante livraria de Lisboa J. Rodrigues & C.^a, e por editor a referida livraria.

A «Ilustração Latina» não será assim tão sómente uma revista de sciência, literatura, arte, resurgimento e intercâmbio Luso-Brasileiro, mas também de politica — no verdadeiro sentido da palavra —, de politica nacional e internacional, completamente extranha, porém, a todo o partidarismo, exigindo apenas de quem nos governe, que o faça com dignidade e clari-vidência.

Creemos poder merecer a confiança do público. Mateus Moreno há 11 anos que dirige, através de todos os sacrificios e dedicações a «Alma Nova»; J. Saavedra Machado, seu companheiro, tem sólidos créditos de artista; Rebelo de Bettencourt, secretário da «Alma Nova», é um dos melhores valores literários da nova geração; Gomes dos Santos, que hoje entra para secretário, é advogado e militar, e tem dado as melhores provas do seu patriotismo; director-gerente e editores, são entidades das mais respeitadas dos nossos meios industriais e comerciais.

Resto eu: mas se o valor da minha obra literária é mediocre; se é mediocre o meu valor social, a minha paixão pela nossa Pátria e pelo Brasil; os esforços, embora inúteis, que tenho feito pelo renome destes dois amados países; a independência em que me tenho mantido, não solicitando, nem aceitando cargos públicos; não pertencendo a partidos politicos, e tendo posto sempre a minha pena e a minha palavra ao serviço de causas justas, belas e grandes, espero que esse pouco levará a generosidade do leitor a aceitar-me, por agora, no cargo para que fui convidado. e no próximo ano naquelle que, com Moreno e Saavedra, irei ocupar.

E antes de encerrar a presente crónica, não quero deixar de referir-me ao número passado da «Alma Nova». Foi um número de atabalhoada transição: — nem o que Mateus Moreno deseja que continue a ser esta revista, nem o que eu pretendo que ela a ser passe. Verdadeiramente, nem elle, nem eu a dirigimos: dirigiram-na a escacez de tempo, a mudança de tipografia, o primeiro contacto espiritual de duas individualidades, aliás a fácil caminho de perfeita identificação.

Os leitores habituais da «Alma Nova» chocaram-se, decerto, com a invasão dum bárbaro no campo que lhes era predilecto, e os meus costumados leitores vieram, receosos talvez, procurar-me em várzea extranha; mas aqueles já neste número reconhecerão que continuam, e estes, que se encontram, em território amigo e são.

ANTERO DE QUENTAL

UM MONUMENTO EM LISBOA A' MEMÓRIA GLORIOSA DO GENIAL POETA

PASSOU em 11 de Setembro o 34.º aniversário da morte trágica de Antero de Quental e, recordando-o, o importante periódico de Ponta Delgada, *Diário dos Açores*—veterano dos jornais daquele arquipélago—lançou a ideia de se erguer em Lisboa, num plácido recanto do jardim da Estrela, um monumento ao grande pensador.

A *Alma Nova* não podia recusar a sua plena adesão á generosa iniciativa e imediatamente abriu uma subscrição entre os seus amigos e redactores, cujo produto será oportunamente recolhido e entregue á comissão encarregada de angariar os fundos necessários para converter em factos tão dignificante propósito.

Damos a seguir alguns trechos da carta com que o nosso secretário, sr. Rebelo de Bettencourt, áquella data nos Açores, comunicou esta nossa deliberação aos directores do excelente diário da sua querida terra:

«Tem razão os meus queridos amigos. Não pareceria bem, como dizem, que os continentais alvitrem o levantamento dum monumento a Antero na capital e os açoreanos se não apressem a contribuir para elle.

«Antero é universal pelo for-



« O ÚLTIMO ANTÉRO »

(Escultura de Diogo de Macedo)

midável drama religioso que se debateu em sua alma, e pela beleza escultural dos seus incomparáveis sonetos; mas Antero, apesar da universalidade do seu nome e da sua dor, não deixa de ser mais nosso, porque reflete uma época da alma portuguesa, uma época de transição, de grandes problemas sociais, de interrogações, de dúvidas, época de incerteza e de dor, que o poeta, na sua formidável sensibilidade, sofreu por si e por todos.»

E referindo-se á escultura que reproduzimos e que é a destinada ao monumento. diz:

«A máscara da dor que Diogo de Macedo esculpiu e sofreu e a que poz, inspiradamente, o título doloroso de *O último Antero*, é, de todos os retratos conhecidos do poeta, o que melhor nos dá o drama moral de quem da sua própria Dor não só fez um poema, mas também a sua maior tragédia. Essa máscara, bela e dolorosa, ficará bem num discreto e tranqüilo recanto do jardim da Estrela, o mais lindo de Lisboa; e, á sombra das boas árvores, no recolhido silêncio do seu doce refúgio, ela há de mostrar confiadamente toda essa grande dor que encheu uma época inteira.

MADRINHAS

DA

NOSSA REVISTA

A nossa revista vai render a sua carinhosa e respeitosa homenagem á Alma Feminina dos países onde deseja irradiar, convidando para «Madrinhas», em cada cidade ou vila importantes de Portugal e do Brasil, e nas capitais de Inglaterra, França, E. U. da América do Norte, Itália e Espanha, uma das mais gentis e distintas jovens das respectivas sociedades.

As funções de «Madrinha» da nossa revista serão puramente espirituais: disporá das colunas da mesma para as referencias que entender, sobre sociedade, e, sendo artista ou escritora, sobre a sua arte ou sobre literatura; ser-lhe-á oferecida uma assinatura anual, e publicado o retrato. O seu mandato será por um ano. Se durante elle casar, perderá a qualidade de «Madrinha», mas terá o direito de transmitir esse titulo a uma sua amiga, em igualdade de condições, até ao final do respectivo ano.

Quando a revista organizar Festas em local onde haja «Madrinha», esta será a «Rainha da Festa».

NOCTURNO

E spirito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Filho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

*Coma um canto longinquo — triste e lento —
Que voa e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes, pouco a pouco, o esquivamento...*

*A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, a eterno Bem.*

*Só tu entendes o meu mal sem nome,
A febre do Ideal, que me consome,
Tu só, Génio da noite, e mais ninguém!*

ANTERO

DE

QUENTAL

REPRESENTANTES

DA

NOSSA REVISTA

Além das respectivas «Madrinhas», que serão uma espécie de nossos delegados espirituais, em cada localidade importante de Portugal e do Brasil, e em Londres, Paris, New-York, Roma, Bruxelas e Madrid, vai a nossa revista nomear um Representante seu, com honras de Director, o qual superintenderá literária, artística e administrativamente em todos os interesses morais e materiais, criados e a criar pela mesma, na área representada.

As suas funções durarão enquanto lhes convir, e igualmente convier á Direcção Central, e, no país ou na cidade em que as exercer, cada Representante terá as mesmas prerogativas que os Directores da revista em Lisboa, destes recebendo, porém, as instruções necessárias, sempre que haja necessidade de pronunciar-se sobre quaisquer casos não previstos.

Todos os Representantes terão um bilhete de identidade, passado pela Direcção Central, que se esforçará por lhes obter as vantagens e facilidades concernentes ás suas missões.

O GRANDE CIRCUITO HÍPICO DE PORTUGAL.



A pesagem e o exame dos cavalos, no Campo de Corridas do Jockey Club ao Campo Grande, na manhã da abalaça

COM a aquiescência e o entusiástico apoio das entidades oficiais, iniciou-se pelas 11 horas do dia 10 de Outubro último, o Grande «raid» Hípico do *Diário de Notícias*, para o circuito de Portugal, em que se inscreveram os seguintes cavaleiros: 1 - ten. Mota Carmo, 2 - Barbosa Godinho, 3 - José Morais, 4 - ten. Hélder Martins, 5 - cap. Vaz Monteiro, 6 - ten. Olgário Antunes, 7 - Gonçalves Garcia, 8 - Ribcira Bacelar, 9 - Luís Bacelar, 10 - cap. Afonso Botelho, 11 - ten. Brandão de Brito, 12 - ten. Morais Sarmento, 13 - ten. Guimarães Palma, 14 - ten. Amadeu Fernandes, 15 - ten. Alexandrino dos Santos, 16 - cap. Rogério Tavares, 17 - ten. José Serra, 18 - ten. Monteiro Duque, 19 - cap. Ferrreira Barbosa, 20 - cap. Xavier Frazão, 21 - cap. Falco Ferreira, 22 - ten. Júlio Gaspar, 23 - cap. Antonio Mata, 24 - ten. Azevedo e Melo, 25 - cap. Carlos Ramires, 26 - cap. J. Agostinho Costa, 27 - cap. José d'Abreu, 28 - cap. Silva Dias, 29 - ten. Formosinho Silva, 30 - ten. Américo Gonçalves, 31 - cap. Manuel Marrecas, 32 - cap. Azinhais Mendes, 33 - ten. Antonio Miranda, 34 - cap. Vitorino Barata, 35 - ten. Alberto Pico, 36 - ten. Lorena Santos, 37 - cap. Correia dos Santos, 38 - ten. Pereira Coutinho, 39 - Delfini Maia, 40 - ten. Joaquim Teles, 41 - José Taganho, 42 - Germano Domingos, 43 - cap. João do Rosário.



O desfile dos cavaleiros, pela Avenida da Liberdade, na manhã em que se iniciou o «raid».

As fecharmos esta página, em 3 do corrente, chegavam a Lisboa os 2 primeiros vencedores: cap. Rogério Tavares e civil José Taganho

Neste circuito — o 2.º do género que se realiza em Portugal, mas o primeiro que deve ter verdadeiramente o título de Grande, — foi estabelecida a passagem obrigatória pelos seguintes pontos de «controle», até Viana do Castelo: - *Cacilhas - Arrentela - Azeitão - Sevilha - Alcácer - Grândola - S. Tiago do Cacem - Odeira - Monchique - Silves - Faro - S. Braz de Alportel - Mértola - Beja - Évora: Redondo - Vila Viçosa - Elvas - Arronches - Portalegre - Castelo de Vide - Niza - Vila Velha de Rodão - Castelo Branco - Fundão - Covilhã - Belmonte - Guarda - Celorico - Vila Nova da Fozcoã - Torre de Moncorvo - Vila Flor - Mirandela - Bragança - Vinhais - Chaves - Vila Pouca de Aguiar - Vila Real - Amarante - Penafiel - Guimarães - Braga - Vila Verde - Ponte da Barca - Arcos de Val-de-Vez - Monsanto - Valença - Caminha - Viana do Castelo.* O trajecto de Viana a Lisboa, sem «controle» e com velocidade livre, fecha o circuito.

Esta grande prova hípica, exalta bem a audácia e o valor da gente portuguesa, sempre na vanguarda de todas as iniciativas que demandem heroicidade e sacrifício.

Daqui saímos, pois, o *Diário de Notícias* e a gloriosa ala dos moços cavaleiros portugueses, que tão arrojadamente acudiram ao seu apêlo.

OS NOSSOS GRANDES INDUSTRIAIS DO LIVRO

COMO fica dito noutra parte, passa desde o presente número a dirigir todos os assuntos administrativos da nossa revista, o conceituado e culto industrial do livro, Ex.^{mo} Sr. José Afra, sócio gerente da conhecida Livraria J. Rodrigues & C.^a, de Lisboa, que desde hoje passa também a ser a nossa editora.

José Afra, antigo engenheiro de máquinas da nossa marinha, é actualmente um nome que se impõe no meio editorial português.

Viajado e culto, tendo abraçado a carreira industrial por amor ao Livro, possui o curso de Engenheiro Mecânico, da Escola Naval, onde foi condiscípulo o companheiro dos almirantes Parreira e Machado Santos, e dos comandantes Musanty, Filomeno da Câmara, e tantos outros.

Como aspirante, serviu na Divisão Naval de Angola, a bordo da Corveta Bartolomeu Dias e canhoiras Zambeze, Cacongo, etc., e de 1896 a 1897, esteve fazendo tirocínio na Índia, na esquadilha de operações, ficando por fim encarregado da referida esquadilha. Aí se tornou um verdadeiro prático dos complicados rios e canais das Ilhas do Goa, por ser raro o dia em que na lancha *Satary*, por causa da revolta Dadá-Ranes, então existente nessa nossa colónia, não ia a Sanquelim em serviço de condução de tropas ou de comunicações. Mais tarde recebeu a Medalha Rainha D. Amélia — Expedição á Índia.

Concluído o seu tirocínio no Oriente, regressou a Portugal, e não



JOSÉ AFRA

Sócio-Gerente da Livraria J. Rodrigues & C.^a
e Director-Gerente da nossa revista, desde o presente número

Os
NOSSOS
colaboradores

desejando fazer nova estação em Angola, — o que considerava um estagnamento impróprio dos vãos do seu espírito, ansioso de ineditismo, — pediu passagem á Marinha Mercante.

Circunstâncias particulares lovaram-no depois a demitir-se e fizeram-no livreiro.

O amor que dedica aos livros e os esforços que tem sabido empregar para a sua expansão, tanto no país como fóra dele, sobremodo o justificam. Ainda há bom pouco percorreu a Espanha, França, Bélgica, Alemanha e Holanda, tendo conseguido a publicação, em espanhol, das obras de Júlio Dinis (de que a sua livraria é a proprietária), estando já editadas *As Pupilas do Senhor Reitor*, e a *Morgadinha dos Canaviais*.

Sem reboço podemos afirmar que nenhum livreiro em Portugal jámais deu expansão á obra dum autor, como o sr. José Afra á de Júlio Dinis. Agora, para começar a época, lançou uma edição luxuosíssima, e primorosamente ilustrada por Alberto de Sousa, das *Cartas de Amor* da Freira de Beja — o glorioso Livro do verdadeiro e Grande Amor de todas as mulheres portuguesas. A êle nos referiremos em breve. Por hoje limitamo-nos a saudar o novo camarada de direcção e apresentar-lhe os protestos da nossa muita estima e alto aprêço, certos do que não deixará de pôr também as bellas qualidades que o exornam ao serviço da expansão desta revista



ANTONIO SANTOS DE ALMEIDA



JOSÉ BRANDÃO PEREIRA DE MELO



DR. LUÍS SAAVEDRA MACHADO,

A *Royal-Photo*, á R. do Carmo, 55, 1.º, é um dos melhores ateliers fotograficos de Portugal e que teve o Grande Premio na Exposição do Centenário do Rio de Janeiro. Propriedade dos srs. Santos & Raposo, é seu socio-gerente o sr. Santos de Alameda, um dos azes da fotografia nacional, que hoje assume a direcção fotografica da nossa revista, quanto a trabalhos do atelier.

Capitão de artilharia de campanha, Cruz de Guerra da Flandres, escritor subtil e ao mesmo tempo erudito. É o apreciado autor das primorosas *Notas subsidiárias para uma Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra*, que vimos publicando e a que os *Anais das Bibliotecas e Arquivos* se referiram há pouco em termos que não podemos deixar de agradecer muito reconhecidamente.

José Brandão é um dos nossos mais dedicados colaboradores

Irmão do nosso director artistico, tem-se afirmado um novo de verdadeiro talento, tanto no seu curso de Filologia Germânica, que acaba de concluir com distincção (16 valores), como no seu belo estudo sobre *Camilo e a lingua portuguesa*, inserto no *In Memoriam* do Mestre.

É da sua autoria o artigo sobre Gama Barros, que hoje publicamos.

AS NOSSAS POETISAS

D. BRANCA DE GONTA
COLAÇO, ILUSTRE HER-
DEIRA DO NOME E DO
TALENTO DO GRANDE
POETA DO «D. JAIME»,
TOMAZ RIBEIRO,



É HOJE UMA DAS FI-
GURAS FEMININAS MAIS
DISTINTAS E APRECIA-
DAS, NA ALA JÁ GLO-
RIOSA DAS NOSSAS
POETISAS

MARTIRES

(O ANÁTEMA DOS GÉNIOS)

Vida! Que mal te faz quem te enaltece,
que tão severa o látigo lhe aplicas?!
Porquê o valor sem tréguas mortificas,
e menos tem de ti quem mais merece? ..

A' bondade, que te ama, e à Fé, duplicas
o martírio cada hora, a cada prece;
ao Génio, que te exalta, e é luz, parece
que só de o fulminar te glorificas!...

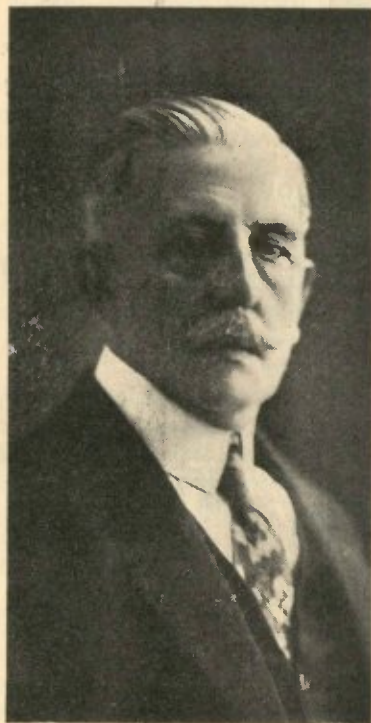
Sempre os que são mais altos e melhores,
dos vendavais nos loucos remoinhos
hão-de arrastar a cruz de acerbas dores,

nos mais duros e ásperos caminhos!...
O seu prestígio, enfeita-te de flores ..
Oh Vida! E tu... corôa-los de espinhos!

(INÉDITO)

Branca de Gonta Colaço.

ACTUALIDADES



ARTUR MARQUES DE ABREU

Esteve ha tempo entre nós e deve em breve passar por Lisboa, o nosso querido amigo Sr. Artur Marques de Abreu, culto e importante vulto do alto comércio do Rio de Janeiro e de Paris, que anda fazendo uma deliciosa viagem pelo sul da Europa. Brasileiro, filho de português, é um apaixonado dos dois amados países, e cavalheiro de finissimo trato.



DR. JOÃO DE LEBRE E LIMA

Secretário da nossa embaixada no Brasil

Em gôso de licença chegou ha pouco a Lisboa, com sua ex.^{ma} esposa, este distincto escritor, que brilhantemente occupa o lugar de secretário da embaixada portuguesa no Brasil. Um dos nossos directores, seu muito amigo e admirador, foi recebe-lo em seu e nosso nome, e com êle se fotografou no próprio dia da chegada.



DR. MANUEL GOMES DOS SANTOS

Nosso velho camarada e entusiasta propugnador do Ressurgimento Nacional, acaba de regressar do Brasil, com o Orleão, Académico de Lisboa, onde foi como orador do mesmo e representante da *Alma Nova*, tendo ali obtido o mais vibrante êxito.

O dr. Gomes dos Santos entra, desde hoje, para nosso secretário de redacção.

O 4.^o
ANIVER-
SARIO



DA
«SEARA
NOVA»

Um aspecto do jantar de confraternização da *Seara Nova*

ESTA excelente revista, órgão doutrinário de um grupo de cultos espiritos, onde se encontram alguns dos nossos melhores valores da nova geração, comemorou recentemente o seu 4.^o aniversário com um jantar de confraternização, que foi presidido pelo ilustre publicista sr. Ezequiel de Campos e a que assistiram os seguintes directores, colaboradores e amigos da referida publicação: Dr. Jaime Cortezão, Aquilino Ribeiro, Sarmiento Pimentel, Dr. Antonio Sérgio, Dr. Câmara Reis, Dr. Paiva Leren, Dr. Jacinto Simões, Dr. Simões Raposo, Lourenço Cortezão, Martinho da Fonseca, Dr. Rodrigues Miguéis, João de Araujo Moraes, Mário Cortezão, José Leal, Dr. Azeredo Perdigão, Araujo Pereira, Fernandes da Silva, Eugénio de Carvalho, Carlos Aboim Inglez, Mário de

Castro, David Ferreira, Santos Ferro, José Tagarro, Fernandes Duarte Pedro Cabral, Inácio Mourão, João Dantas, Pedro Sequeira, Lopes Raimundo, Gonçalves Pinto, Guilherme Silva, Manuel Gregório Mendes Gustavo Soromenho, Manuel Mendes, Francisco Mendes e Alfredo Tôrres

Iniciou os brindes o nosso querido amigo e colaborador Dr. Rodrigues Miguéis, que é também um dos mais devotados e inteligentes propugnadores das ideias politicas, claras e sãs, do grupo *Seara Nova*.

Conhecendo, por experiência própria, os sacrificios que é necessário despendar, para manter entre nós, durante quatro anos, uma publicação do género da festejada, não podemos deixar de dirigir, com redobrada simpatia, as nossas melhores felicitações a tão brilhante grupo.

Sala de visitas



Duas datas festivas do Brasil

A 7 de Setembro passou a gloriosa data da independência do Brasil; a 15 do corrente passará outra: a da implantação da Republica. Por ambas cumprimentamos S. Ex.^a o senhor embaixador do Brasil, Sr. Cardoso de Oliveira, brilhante homem de Letras, ao publicar a presente gravura, onde S. Ex.^a está rodeado de suas gentilíssimas Filhas, do distintíssimo secretário da embaixada Dr. Lafayette Carvalho da

Silva, do ilustre presidente do Club Brasileiro, Dr. Arlindo Correia Leite, e tendo á direita o eminente diplomata português Dr. Gonçalves Teixeira, director Geral da nossa Chancelaria, recentemente elevado á categoria de Embaixador, — por justa e inteligente proposta de S. Ex.^a o senhor Ministro dos Estrangeiros, Dr. Vasco Borges, que está dando um belo relêvo á gerência da sua pasta.

AS NOSSAS

D. Camila Lopes dos Santos, gentilíssima filha do nosso querido amigo sr. Torquato Marques dos Santos, director de publicidade da Agencia Havas, e 1.^o prêmio do Conservatório, cujo curso completou em quatro anos, sempre com distinção, é hoje



"VIRTUOSI"

uma das nossas mais distintas «virtuosi» desse difficilissimo instrumento, como ainda há pouco provou num concêrto de caridade em que tomou parte e onde foi entusiásticamente aplaudida pela numerosa e selecta assistência.

O

O

D. Camila Lopes dos Santos

A

«CASA DOS
ALGARVIOS»

EM
LISBOA

PÁGINA
DO
ALGARVE

O

POEMA
«DESCENDO»
DE
JOÃO LÚCIO

QUANDO em 1915 procedíamos, com o sr. Jaime de Pádua Franco e o saudoso Tomaz Cabreira, aos trabalhos preliminares do 1.º Congresso Regional Algarvio, que foi realizado na Praia da Rocha aquele mesmo ano, lembrámos uma vez, ao primeiro dèsses dois nossos grandes amigos, anunciando-o depois na *Alma Novo*, a necessidade de se pensar na fundação de um centro ou grémio algarvio em Lisboa. O sr. Jaime de Pádua Franco, como director-secrètário da «Sociedade de Propaganda de Portugal», vendo nisso uma dispersão de esforços, «quando todos mais se deviam conglobar naquela Sociedade», não concordou com a ideia, alegando que o Centro Algarvio era a «Propaganda de Portugal» — e que estava ali, portanto.

Por falta de ambiente próprio, deixámos assim de continuar a expor as nossas razões sobre tal necessidade.

Muitos outros algarvios, estamos certo, pensavam como nós.

Ultimamente, porém, a primitiva ideia voltou a ser agitada, com renovado alento e sobre forma nova. A maturação dos anos deu-lhe um ambiente mais amplo.

Já não é apenas um simples *club* ou centro de reuniões, o que se pretende, é uma instituição completamente representativa da vitalidade mental e económica da provincia.

Seria a «Casa dos Algarvios», — ou «do Algarve», como quere uma parte da Comissão já nomeada para a apreciação dos alvitres e elaboração do projecto a apresentar, numa próxima grande assembléa.

Segundo as propostas até agora formuladas, a referida «Casa» deve ria comportar o seguinte :

- a — *Escritório de informações sobre tudo que diga respeito á provincia ;*
- b — «Club» ou grémio, com salas para conferências, exposições, soraes sessões de arte, etc.
- c — Café-restaurant, com vitrinas onde estejam permonentemente em exposição todos os productos algarvios ;
- d — Hotel, para todos os algarvios que venhom o Lisboa, e
- e — Possivelmente, um Banco.

A «Comissão» julga indispensável adquirir, para este efeito, um grande prédio no centro da Baixa.

A ideia é excelente, mas é, talvez, vasta de mais.

Tendo notado as naturais dificuldades surgidas, e crente de que o triunfo de tão bela quanto louvável iniciativa não está somente no aparato de que por ventura logo de início a revistamos, mas também e principalmente na demonstração prática da sua utilidade, propuzemos, pois, e continuamos a propôr, a restrição de tão vasto plano, por enquanto, a um simples escritório ou agência de informações sobre tudo que digo respeito ao Algarve, e ao Centro ou Grémio, de que poderá ser dependente o próprio escritório, — o primeiro centralizando todos os interesses económicos da provincia, dando indicações sobre os principais mercados estrangeiros, espécies preferidas e cotações dos productos, acondicionamento, expedição, etc ; e o segundo, facultando a todos os algarvios que se encontrem de passagem ou residam em Lisboa, um local de reunião onde se respire um pouco o ambiente do torrão natal, onde se realizem festas a que possam concorrer todos as familias algarvias da colónia, e onde, enfim, se concentre um forte bloco de defeza e propaganda da provincia.

E' nestas duas simples pedras, parece-nos, que deve assentar de vez o edificio que se projecta. Tudo o que vai além são excelentes sonhos, que podem, é certo, tornar-se dum momento para o outro em esplêndida realidade. . . mas só depois de se ter começado por onde é justo que se comecce.

Enquanto ela se não instituir, de facto, a desejada «Casa do Algarve», esta página da nossa revista continuará sendo a verdadeira «Casa» de todos os algarvios, como para os filhos das restantes provincias serão outras tantas que, nos próximos números, iremos abrindo.

MATEUS MORENO.

FEZ no dia 26 de Outubro sete anos que morreu na vila de Olhão vitimado pela pneumónica, o grande poeta que se chamou João Lúcio. Nunca é demais dizê-lo: morreu com trinta e oito anos de idade, na época radiosa do homem, precisamente quando o seu sonho de criador mais alto ascendia, demandando horisontes novos.

Não encontro no nosso país espirito mais moderno, com uma técnica mais nova e equilibrada. Muito se tem falado em Portugal em Arte Moderna, e nenhum dos que tanto têm falado produziu qualquer coisa que se compare com o *Descendo* ou com o *Na Asa do Sonho*. João Lúcio é um milagre de ritmo e de imagens luminosas.

Não há em toda a nossa literatura emoção mais fresca, nem Poesia mais aristocrática! Mas isto sem cabotinismo, sem rebuscamento, — tão natural como o veio de água que corre no monte.

Já lá vão sete anos no remoinho do tempo, sete anos de poeirada de olvido tombando sobre as campas, sete anos de jornada no caminho da Eternidade, e cada vez parece mais viva a figura do Poeta, cada vez está mais formosa a sua Arte, cada vez mais se preocupam com êle todos os corações. E' que a verdadeira coroa de loiros é a saudade, é a lembrança, é a evocação dos Poetas mortos, é a impressão de que êles estão vivos e que enchem da sua personalidade o seu país, o mundo inteiro.

E quem escreve com a sua alma, com a sinceridade da sua Arte, não morre mais!

Já comparei o «Descendo», algures, pelo seu ineditismo e pela sua individualidade, com *O Livro de Cesário* e com o *Só* de António Nobre. E de todos êles é ainda o «Descendo» o mais consciente, isto é, um poema perfeitamente gisado, com princípio, meio e fim, um livro onde não há só observação, nem só sentimento, mas onde coração e cérebro se unem maravilhosamente, tendo por expressão uma forma poética que é talvez a mais perfeita de João Lúcio.

Pela escada que desce ao fundo misterioso
De tudo aquilo que a vista não alcança ;
Pela escada que leva ao mundo nebuloso,
De que nos vem falar só a nossa esperança ;

Por essa escada irei, no silêncio das loisas,
Como quem desce para um fundo cemitério,
Tão grande que não possa avistar-se-lhe o fim,
Até poder sentir o coração das coisas,
Costumando o olhar à treva do mistério,
Até que a treva seja uma luz para mim.

Por essa escada vai o Poeta prescrutar os mistérios da vida, em demanda da Verdade, que «serão os Poetas que a hão de revelar»

E' o que encontra, afinal, como substratum perene da vida, em tudo existindo e em tudo chorando? A Dor, a Tristeza!

Oh tristeza do Vento a chorar pela serra,
De noite, quando a luz tem medo e quer fugir,
Mãos do vento a cavar as entranhas da terra,
A cavar, a cavar!

A cova que fazeis não vos pode servir :
A Tristeza e a Dôr não se pode enterrar!

Oh tristeza do Orvalho a poisar prateada
Pelos ombros da força, a correr, em cristais,
Mãos do Orvalho a puxar a corda desdobrada
A puxar, a puxar

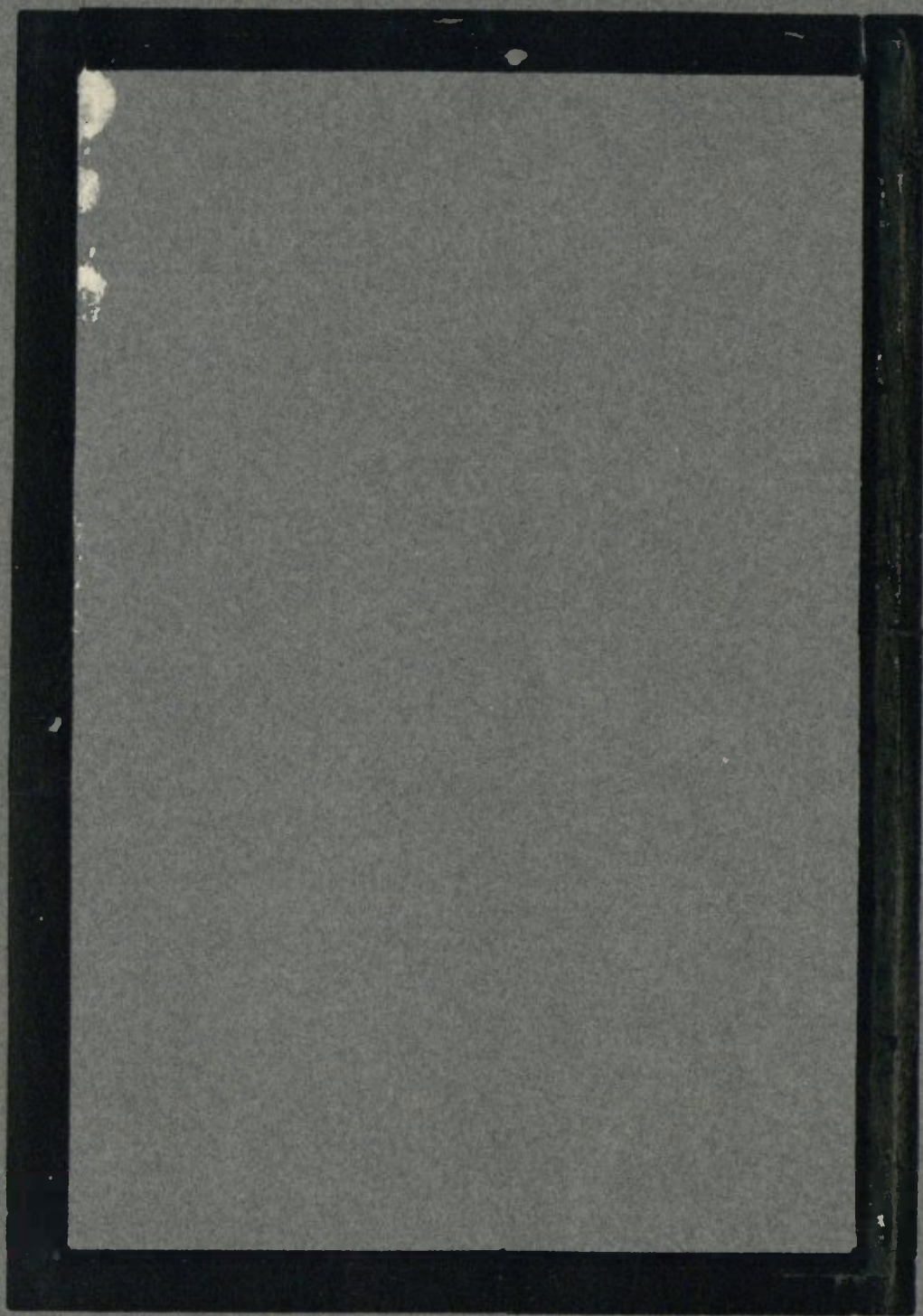
Não vos serve êsse laço, oh mãos que scintilais :
A Tristeza e a Dôr não se pode enforcar!

Sete anos já rolaram sobre a lobreguidão dos sepúlcros, o seu corpo por certo já se desfez no intento transformar da matéria, mas João Lúcio cada vez está mais vivo e luminoso na harmonia de seus versos!

Que pretendo nesta página, em tão resunido espaço, nesta página que Mateus Moreno quis reservar, em cada número da sua revista, para a propaganda das belezas e dos valores algarvios? Desfolhar algumas palavras sobre a campá do Poeta, e trazer ante os olhos dos que não conhecem sua obra alguns versos fulgurantes que dêem a luz que falta ao meu pequeno artigo.

Nada mais! Nada mais!

JOSÉ DIAS SANCHO

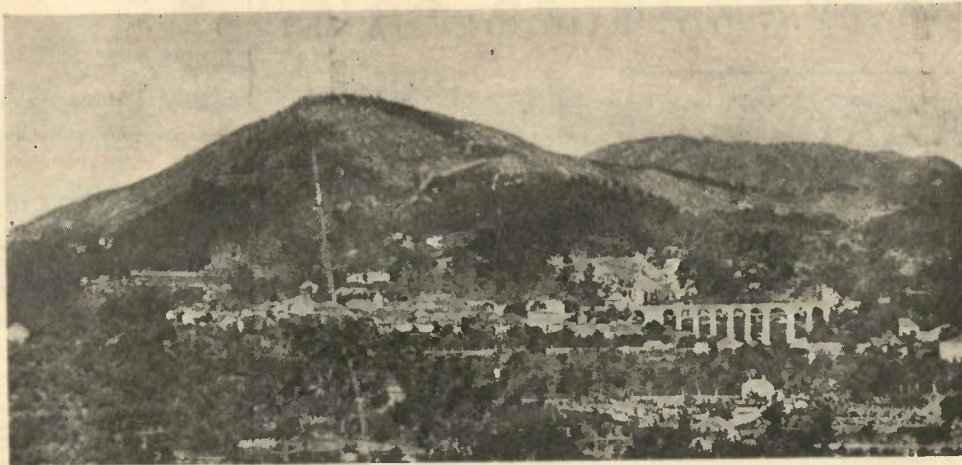


CLAUSTRO DO CONVENTO DA CONCEIÇÃO
EM BEJA

TERRAS DE PORTUGAL

AS ROMARIAS DA BEIRA

QUANDO chega o mês de Agosto, em que a uva começa a amadurecer, sorrindo os seus bagos como pequenos nababos satisfeitos; nos milharais alouram as massarocas das espigas e o sol rubro, como uma enorme brasa, escaldada e quicima a pele — sob as umbelas misteriosas das legendárias carvalheiras da minha Beira-Alta e pelos montes alcantilados esvoaça nos ares o rumorejar festivo dos arraiais, a alegria límpida, vibrante, das romarias.



Vouzela — Monte e emida do Castelo, e Monte Lafão

Romarias! Romarias! Qual é o filho do Norte que as não lembra! São em Lourosa de Baixo, da Senhora da Nazaré, onde os ranchos alacres da mocidade esturdiam numa animação louca; são da Senhora da Guia, na freguesia de Baiões; da Senhora dos Remédios, em Lamego, e outras e outras

Na região de Lafões, terra da boa vitela e do verdasco espumante, é a da Nossa Senhora do Castelo, em Vouzela — uma vila antiga de tradições fidalgas, — no mês de Agosto, e com descantes, bailados, «fogos de vistas e luminárias»

Esta romaria tem fama em toda a Beira-Alta.

Despovoam-se as aldeias para que os crentes vão, em ondas rumorosas, recorrer á intercessão celestial da milagrosa santinha, porque o seu suave perfil, aureolado por um nimbo de divindade, ainda impera nas almas simples com a fé mais pura e com a crença mais viva.

A romaria do Castelo ainda é das festanças regionais que conservam o seu antigo característico. Embora se sucedam as gerações no desenvolver do tempo e as novas ideias oblitarem os sentimentos, ela fica sempre na mesma, com o seu entusiasmo religioso e profano e com os seus coloridos típicos de velho regionalismo. Enquanto ela não chega batem apressados os corações das raparigas, não há sangue que gire tranquilo nas veias, e aqueles a quem os anos já lhes pesam, chegam a sentir-se rejuvenescidos, compartilhando da alegria dos novos.

O velho estro popular, no seu sentimentalismo tradicional, desengasta do pitoresco florilégio poético as melhores estrofes em honra da Santa Virgem:

A Senhora do Castelo
Mora no alto pinoquinho.
Quando lá não faz fresco
Sempre lá corre um arzinho.

Resa assim a cantiga, e quer faça fresco, ou o calor caia faiscante dum céu de fogo, não há rapariga que fique em casa, que deixe de vestir o seu melhor fato ou adornar-se com o seu melhor ouro, para se mostrar á Virgem do Castelo, para lhe gargantear a sua trova:

A Senhora do Castelo
Deita fitas a "aboar",
Eu que sou sua afilhada.
Algumas heide apanhar.

Não me posso recordar sem um duro travôr de saudade do tempo que lá vai!

Neste dia dançava-se, saltava-se e abria-se na mesa franca o opiparo farnel onde, ao lado do leitão tostado, figurava a savorosíssima «vitela de Lafões», de gloriosa reputação, e libava-se o «verdasco», saído do pipote e fervendo na caneca em espuma como um Oceano!

Por aqui e por ali, entre as brutas pendências, apresentavam-se os farnéis, excitando no ambiente o odor acre dos petiscos. Depois... era rir, rir, sob um céu caricioso, e a gente a espojar-se pelo chão, de pança para o ar, feliz como um mortal que não tem dívidas... Tudo era prazer! Beijos, risos, abraços... tudo o céu do alto abençoava.

Um dos atrativos notáveis e pitorescos da festa, isto no meu tempo, que se esfuma num passado de muitos anos, era a pantomima de grande espectáculo, denominada a «Dança do Rei Mouro».

Metia muito pessoal... barbado, travestido em



donzelas, cavalciros, pagens, militares, damas da corte — um conjunto burlesco vestido com um guarda-roupa que vinha apodrecendo desde velhos tempos.

A representação da «peça» obrigava música. Era ao ar livre, num palco improvisado de madeira, tendo por fundo um castelo, que era a habitação do Rei Mouro.

O ensaiador, que fazia o papel de protagonista, era o celebre Joaquim das Poldras; um homem alto, rijoe decidido, entra-

do em anos, pitadeando o seu rapé meio grôso, pessoa, enfim, entendida em entrecmezes e tanoaria... porque fora disto era um hábil artista.

Já não vive, coitado, e levou para a cova o segredo da sua «peça», porque, depois d'êlo, ninguém mais apareceu a imita-lo.

Toda a acção dramática era desenvolvida em torno do Rei Mouro — sultão requestador de donzelas pudibundas, as quais seduzia com galanteios, atraindo-as para o Castelo — uma espécie de serralho turco onde o magnate tinha de exercer as suas lubricidades

Nada menos do que oito donzelas caíam nos braços do Joaquim das Poldras, que se espantava como um galo nos domínios da sua capocira.

Havia motivos coreográficos, bailados, danças de rôda e até «passes» dum minuete muito à *la diable*.

E' de notar que esta representação tinha o seu ponto de contacto com a velha tradição. Pretendia nem mais nem menos o velho Poldras do que teatralizar a celebre lenda mourisca que se diz de Figueiredo das Donas, numa aldeia de Vouzela, que envolvia a figura primacial dum nobre cavaleiro, ao mesmo tempo poeta e que escreveu os mais antigos versos que existem na nossa lingua:

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei
Seis niñas encontrára
Seis niñas encontray, etc.

A lenda é interessante e vem a talho de foice trasladá-la para aqui como a apresenta Pinho Leal, que a foi buscar ao Frei Bernardo de Brito.

Mauregato, filho de D. Afonso, o católico, e de uma escrava, pretendeu usurpar o trono (como usurpou) a seu sobrinho D. Afonso, filho de D. Fruela, e para isto pediu e obteve o auxilio do Califa de Cordova, Abd-el-Raman, em 783, mediante o vergonhoso tributo de 100 donzelas lusitanas, para os harens mouriscos.

Em 784, *Orelia* e mais 5 companheiras destes sitios, foram escolhidas pelos caçadores do imperador, para fazerem parte do tributo desse ano. Elas iam passando por Figueirêdo, acompanhadas e guardadas por 20 mouros e 40 castelhanos, todos de cavalaria, além dos guardas de pé.

Um nobre cavaleiro lusitano, de sangue godo, natural de Lafões, chamado D. Guesto Ausur, era namorado de *Orelia*, que lhe mandou dizer a desgraça que lhe acontecera e pedir-lhe que a salvasse.

D. Guesto reune, à pressa, uns 30 homens de Lafões e com eles cai de surpresa sobre a escolta que conduzia as donzelas a Mérida, quando ela passava a Figueirêdo. O furor de D. Guesto e dos seus era tal, que os mouros e castelhanos morreram quasi todos em combate.

As damas foram libertadas e D. Guesto levou-as para o seu castelo e ai casou com *Orelia*.

Ora aqui está o que era a pantomima da *Dança do Rei Mouro*, onde o pobre Joaquim das Poldras lo-grava tornar-se uma figura importante e insubstituível, como se prova agora que o era, pois com a sua morte desapareceu também este interessante número das festas do Castelo, que fez as delicias dum punhado de gerações.

Pobre D. Guesto Ausur, meu amigo, que a terra te seja leve como leves me foram as gargalhadas que me fizeste soltar na minha estouvada mocidade!

(Conclue na última página)

EPISÓDIO MUNDANO

: : : «LEVER DE RIDEAU» : : :
 REPRESENTADO NO «TEATRO RECREIO»
 : : : DO RIO DE JANEIRO : : :

RAZÃO SENTIMENTAL

○

Meu Deus! E' preciso confessar que foi há cerca de 20 anos!?

Borboleta do Amor e do Desejo, volitava por essa época, dos braços dos boémios para os dos ricos titulares, ou de altos diplomatas, no Rio de Janeiro, uma atriz portuguesa de secundíssima ordem, guitarrista e cantadora de fados.

Certos poetas brasileiros, que hoje são grandes senhores na política, na diplomacia, ou na literatura do seu belo país, tinham então, como eu, 20 anos, e queimavam a exuberante juventude numa estírdia bizarra. Alguns deles levaram-me, uma noite, ao camarim da guitarrista, dali fomos ceiar à casa dela, — uma casa que um conde lhe oferecera, pequena e finamente mobilada.

Eu tinha chegado havia pouco de Portugal — e fazia versos. Era para a cantadora de fados . . . uma novidade patricia. Quando a ceia findou, declarou-me que tudo aquilo era bem seu: — a casa e o resto; e o conde corrido.

«Portanto . . .»

Por essa ocasião — como hoje, — era eu um pateta sentimental e idealista, que só presava na Mulher a castidade e a pureza.

Recusei.

De olhos muito abertos, ela, a muito desejada, mirou-me como a um animal anti-diluviano.

— E se lhe pedisse para escrever uma peça num acto, para a minha festa daqui a 15 dias? — virou então.

— Isso agora é outra coisa, — respondi. — Para quantos personagens?

— Para um. Para mim.

*

Escrevi este *Episódio Mundano*, que José Ricardo bondosamente marcou e a cantadora de fados representou a primor.

Desde que se conhecia, foi, talvez, o único quarto de hora da sua vida, em que foi pura e foi casta. Assim m'o afirmou, rindo.

Nunca mais a vi.

Dois anos depois soube que tinha partido, tuberculosa, dum catre de hospital, — abraçada á guitarra, — para o insondável.

— Seu nome? — Anette? Jeanette? Não me lembro! .

.

Era preciso uma peça num acto para este número. Fui a uma gaveta onde guardo vários trabalhos acabados, ou por acabar, e encontrei lá o *Episódio Mundano*. Mostrei-o a Mateus Moreno e contei-lhe a sua história. Poeta até ás pontas dos cabelos, sensibilisou-se e declarou que estava bem. Eu acho que está mal. O leitor resolverá. O original tem ainda marcado a lápis, por José Ricardo, a determinadas alturas: *suspensão, execução*.

A. C.

Sala íntima, modernamente mobilada. Ao centro uma pequena mesa, com uma fotografia num elegante «passe-partout».

Uma jovem de 20 anos, primorosamente vestida, diz:

— Foi este retrato que me salva! (Pegando no «passe-partout») Oh! bendito sejas, retrato querido! Em boa hora aqui te coloquei! Não foras tu, e o que seria de mim!?. . . Aquele infame! Aquele bandido! . . . Mas que estranho, que misterioso poder, hui no olhar desse homem que aborreço?!

Sua fisionomia falsíssima, sua elegância dum antipático requinte, tudo nêle denotava, aponta e faz prever, o seductor de profissão, paralelo dessas terríveis serpentes que fascinam e devoram as aves inocentes e incautas . . . Mas nem uma nem outra coisa devio eu ter sido, não! Assim, sem a tua presença aqui, retroto bem amado do ser por amor de quem vivo, eu terin cnido nos braços desse miserável, sob o dominio absoluto do magnetismo dos seus olhos! (Pausa) Com o fútil pretexto de me saúdar. . . apensas, — assim m'o disse ao entrar, — aqui veio. Começou falando-me de coisas frivolas; porém, desde logo o seu olhar, intencional e satânico, entrou a percorrer-me ns formas, demorando-se aqui e além, investigando, provoconte e sensual; depois, envolvendo-me toda, levou-me, dentro em pouco, a uma grande excitação nervosa, a um secreto mal-estar, a uma tal perturbação dos sentidos, que me fizeram esquecer a minha instintiva repugnância por éle (Fitando o retrato e o meu próprio amor por ti! E tudo, ongnstiosamente, num alheamento doloroso, numa revolta para que não tinha forças, como se um terrível narcótico desenvolvesse, lento e lento, o suo acção inutilizante da minha razão e da minha vontade!) (Pausa, fitando o retrato) Os juramentos que te fizera num oceano de carinhos, os nossos reciprocos protestos de amor, e esses pequenos nadas, que enchem páginas e páginas do nosso lindo romance e, são a essência da minha vida, diluíam-se na minha memória, escapavam à minha percepção, como lâboa de salvação que um naufrago já moribundo ovista longe de si. . . (Pausa) Horroroso! horroroso! (Nova pausa) E o malvado claramente comprehendia o efeito produzido, já antes, decerto, calculado a frio, num mixto de satisfação desdenhosa e de torpe vaidade de vencedor execrável! (Pausa) Nisto o ruído de um cnrro, passando na rua próxima, diminuiu algum tanto o poder das suos palmvras, agora hipócritamente carinhosos, e desviou-lhe de mim o olhar, por um curtíssimo segundo, chamndo pelo receio de que alguém viesse parar à porta da minha casa.

Pude reassumir uma vaga noção do que se ia passar, encetar um moroso regresso ao meu estado normal. Ergui-me do pequeno sofá onde estávamos sentndos. Mas o carro não parou; possou, levando consigo o ruído que um só momento preocupára a fero enlouquecida! Imediatamente então se ergueu tmbém, e, segurando-me nos braços, mais perto agora do meu o seu olhar, profundo, perturbador, as nariinas dilatadas, por onde uma respiração quente me vinha açoiatar as faces, — de novo em mim subjugou recordações e raciocínios. . . E já os seus braços me enlçavam num amplexo brutal, espiritual e fisicamente torturante; já os seus lábios tocavam a minha bóca gelnda, e já eu ia succumbir, pertencer-lhe, prostituir-me, envenenar para sempre o vido, ser atirada ao turvo abismo de uma desgraça irreparável, quando de súbito, casunlmente, filei em ti (Pegando no retrato com íntima comoção), salvadora e fiel imagem, os meus olhos desvaírnndos! Um lampejo de razão sacode-me inteiramente; readquiro toda n força de vontade; como se fôra um hércules, empurro o miserável que me ia sacrificar ao seu capricho odiento; grilo; solto-me daquela cadeia de músculos, que mais parecia de ferro; e, como da morte, — mais que da morte, da deshonra, — eis-me salva, solva, enfim!

E foi este teu retrato, esta tua imagem fidelíssima — um momento empanadu por aquele fatol magnetismo, em meu coração, foi este teu simples retrato que, surgindo ante meus olhos, me livrou daquela infâmia, d'aquela pelago medonho! (Ajoelhando, em extasis) Oh retroto bem amado, imagem querida, meu Santelmo do Amor!

(CAE O PANO LENTAMENTE)

ALCANTARA CARREIRA

(Direitos de reprodução, tradução e representação, reservados)

O BRASIL DE HOJE

A bordo do BENEVENTE

FOMOS há poucos dias hóspedes do Brasil... em pleno Tejo.

O Lloyd Brasileiro convidou as altas autoridades, sociedade, associações industriais e comerciais, exportadores e a imprensa, para um chá dançante a bordo do *Benevente*, linda unidade da frota daquela companhia de navegação, que o enérgico Comandante Cantuaria Guimarães supremamente dirige do Rio de Janeiro.

Da visita feita ao elegante paquete resultou para todos uma bela impressão de fino gosto, perfeita ordem e escrupuloso asseio, sentindo-se em tudo, lá ao longe, a superintendência do grande director.

O delegado da Companhia, Sr. Artur Pinheiro Guimarães, o representante, sr. António de Sousa Leitão, distintos brasileiros, e o oficial do nossa Marinha, comandante Azevedo Taborda, que é o gerente da secção marítima dos Agentes, nossos prezados amigos srs. Pinto & Sotto Maior, receberam com extremos de gentileza os numerosos convidados para essa affectiva festa, a que presidiu o doce sorriso e a bondade da embaixatriz do Brasil, Madame Cardoso de Oliveira, ilustre por vários titulos, entre êles o do consórcio com um alto diplomata e fino literato e o de ser filha dum dos homens de mais valor que tem tido o Brasil: o grande pintor e pensador Pedro Américo. A seu lado suas genti-

lissimas filhas representavam a graça e a elegância do Brasil. Sua Ex.^a o senhor Embaixador não pôde, com grande pena nossa, assistir. Mas esteve o distintíssimo secretário da Embaixada dr Lafayette de Carvalho e Silva.

Outra ausência forçada, bem lamentável, foi a do nosso muito prezado amigo dr. Bor-



Grupo de convidados da linda festa, rodeando a ex.^{ma} Embaixatriz do Brasil, Madame Cardoso d'Oliveira

ges Fonseca, o queridíssimo cônsul do Brasil, em Lisboa. Do governo, estava o comandante Pereira da Silva, Ministro da Marinha, com sua Ex.^{ma} Esposa e os seus elegantes ajudantes, e que se destacava em meio dos grupos pela sua bela e simpática figura de valeroso oficial da nossa Armada. Da nossa sociedade, Madame Bet-tencourt Rodrigues, com sua Ex.^{ma} Filha e duas gentis ami-

gas; Comandante Rodrigues Gaspar, Carlos Couto, José da Silva Teixeira, Afonso de Macedo, Pinto de Vasconcelos, Adriano Teles e sua gentil filha, Raimundo Arruda, e entre outros, da nossa imprensa, Alberto Bessa, Albino Forjaz de Sampaio, Benoliel, pai e filho, Antóuio de Figueiredo, Matos Silva, o representante do «A B C» e um dos directores da «Alma Nova».

Em meio da visita ao «*Benevente*», tivemos a grande alegria de deparar, viajando a bordo, com António Parreiras e sua Ex.^m Esposa. Foram, portanto, horas de evocação e da presença dos grandes pintores do Brasil. António Parreiras, a quem votamos uma antiga e sólida amizade e profunda admiração, acaba de ser eleito, por cerca de vinte mil votos, o primeiro pintor, no seu país. Apresentámos-lhe Forjaz de Sampaio, e os três, em unísono, passamos deliciosos momentos fa-

lando do belo Brasil, que todos três amamos. Exortámos António Parreiras a vir expôr trabalhos seus em Portugal, e o Mestre acedeu, ficando de nos avisar, com suficiente antecedência, da época em que teremos esse profundo regosijo. As danças apenas se esboçaram; mas o chá, amavelmente servido, foi um fino remate à preciosa visita.



O sr. Ministro da Marinha, Comandante Pereira da Silva, e o Comandante do Benevente

Teatros - Música - Cinemas

CARTAZ DO MÊS

TEATROS

APOLO — Às 21 — Declamação
 AVENIDA — Às 21,15 — «Vaudeville»
 COLISEU DOS RECREIOS — Às 21 — Companhia de Circo. Domingos e quinta-feiras, matinées, às 14,30
 EDEN — Às 21,15 — Revista
 GIMNÁSIO — Comédia
 MARIA VITÓRIA — Às 20,30 e 22,30 — Revista
 NACIONAL — Às 21,15 — Declamação
 POLITEAMA — Às 21,15 — Declamação
 S. CARLOS — Às 21,30 — Declamação. Domingos, às 15, concertos pela Sociedade de Concertos Sinfónicos.
 S. LUÍS — Às 21 — Zarzuela
 TRINDADE — Às 21,30 — Opereta

CINEMAS

SALÃO FOZ — Às 14,30 e 20,30 — Variedades
 CINEMA CONDES — Av. da Liberdade
 CHIADO TERRASSE — Matinées aos domingos e dias feriados
 OLIMPIA — R. dos Condes — Matinées diárias
 SALÃO CENTRAL — Praça dos Restauradores
 TIVOLI — Av. da Liberdade — Salão de luxo

A
 ABERTURA
 DA
 ÉPOCA

FIGURA DO MÊS



CARLOS SELVAGEM

Oficial do Exército e escritor dramático consagrado, é o autor da esplêndida peça *Miragem*, que fez a abertura da época, no Nacional.

QUASI todos os nossos teatros já fizeram ou estão fazendo a abertura da época de inverno.

Abriu uma época é, quasi sempre, um caso de vida ou de morte para uma empresa. Muitas companhias preferem, por isso, a repetição de peças já conhecidas. Não está bem. A abertura duma temporada deve sempre procurar trazer-nos qualquer coisa de inédito, qualquer coisa de novidade.

Também abusam as nossas companhias dos manjares estrangeiros. É uma pecha lamentável, mas de que só o público tem a culpa, não incitando mais aquelas a não desnacionalizarem tanto o teatro — e, consequentemente, a vida e os costumes do nosso meio.

Vejamos, porém, o que deverá ser a época que começa:

Nacional — Abriu com uma nova peça de Carlos Selvagem, o apreciadíssimo dramaturgo do *Ninho de Águias* e *Entre Giestas*. Intitulou-se *Miragem* e fez sucesso. Promete representar alguns dos outros originais que ainda estão entregues ao Conselho de Leitura, além de várias traduções de peças italianas e francesas.

S. Carlos — Companhia Lucilia Simões — Inaugurou a época com a reposição da conhecida peça de Bernstein, *O Ladrão*, a que se seguiram *O Sinal de Alarma*; *Príncipe João*, de Meré; e promete levar: *Les Nouveaux Messieurs*, de Croisset (374 representações em Paris); os originais portugueses: *A Noite do Casino*, de Ramada Curto; *Perdoai-nos Senhor!*, de Vasco Mendonça Alves, e ainda a adaptação da *Carmen*, por Tito Martins, fechando a temporada com o *Sausão e Israel* e, possivelmente, o *Hamlet*.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro. — Abriu com a reposição da *Zilda*, de Alfredo Cortez, a que se sucederam as traduções *Quando o amar acaba*... e *Raparigas de hoje*.

Em pleno êxito, a última.

Apolo — Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha. — Fez todo o outono com o *Saltimbanco*, peça de emoções fortes, tanto do género do grande actor, e dará a seguir: *O Inimigo do povo*, de Ibsen; e *A Taberna*, de Zola, adaptada por Santos Pitorra.

S. Luiz — Companhia de Zarzuela — Iniciou a época com duas peças espanholas, lindamente musicadas: *A Canção do Olvido* e *A Montaria*. A seguir dar-nos-há *Las Galilenas*, *Maridos Alegres* e *Amor de Zingaros*, de conhecidas e notáveis partituras.

Trindade — Companhia de Opereta — Antes de começar a época quiz a empresa dêste teatro dar-nos o fino gosto de apreciarmos a preciosa recitadora mundial Berta Singerman. *Madame Pompadour*, é a peça inicial. Promete-nos novamente este ano a Grande Companhia Hespanhola de Revistas — *Velasco*.

Eden — Companhia de Revista — Abriu com a magnifica revista *No país do Tirisno*, original de António Carneiro e João Saraiva, musica de F. Duarte e N. Milano. Depois, irão aparecendo no cartaz: uma peça da Parçaria, outra de Silva Tavares e Victor Lopes, e outra ainda de Francisco Lage e Oliveira Guimarães. Tudo revistas, já se vê.

Avenida — Companhia Satanela-Amarante - Peça inicial: *O Pão de Ló*, género "vaudeville", adaptação da Parçaria. Em seguida, a *Mósca de Milão*, e outras.

Maria Victoria — Companhia de revista por sessões — Mantém o *Rataplan*. Antes de fecharmos esta rápida resenha do que vai nos teatros, não queremos deixar de nos referirmos a uma casa de espectáculos que tem uma tradição gloriosa e agora mesmo acaba de renascer das próprias cinzas, como a Fénix da fábula. É o Gimnásio. A sua reabertura far-se-á com a reposição da graciosa comédia *Guerra ao Viúho*.

Apresentamos a todas as empresas e respectivas companhias os nossos sinceros votos de boa temporada.



A apresentação da COMPANHIA DO THEATRO GIMNÁSIO

Sentados: Gil Ferreira, Ofelia Brochado, Regina Montenegro, Antonia Mendes, Bárbara Wolchart, Alda Aguiar, Elisa Santos, Judit Maggioly, Raquel Moreira e Dina Pereira. De pé: António Andrade (ponto), Tarquinio Vieira, Rafael Alves, Vital dos Santos, Matos Reis, Barroso Lopes, Miguel Pereira e José Oliveira (contra-regra). Faltam aqui D. Palmira Bastos, Silvestre Alegrim e Henrique de Albuquerque, que andam em *tournee*

A viagem dos Estudantes Portugueses ao Brasil

À Tuna de Coimbra, no seu regresso

ANDORINHAS do Sonho e do Amor, da Graça e da Poesia! Almas em flôr, Salvé!

Cabelleiras ao vento, guitarras contra o peito, as negras capas em asa, levantastes o vôo da lendária Coimbra — da Coimbra do Choupal e das tricanas, da Quinta das Lágrimas e do Mondêgo, da Lapa dos Esteios e dos Penedos, — e em alacre revoada, através do Atlântico, eis-vos em demanda do Brasil!

Chegastes lá e o Brasil deslumbrou-vos. A alma do Brasil fundiu-se nas vossas almas, e enamorou-vos, comoveu-vos profundamente, e a sua imagem vigorosa e ativa, encantadora e possante, gravou-se para sempre na vossa retina.

Assombro de progresso e de beleza, mimo de elegância e de encanto, país de larga e franca hospitalidade, aberto a todas as iniciativas, fonte ubérrima de vida e de grandeza, sim, o Brasil conquistou-vos!

Porque vós o vistes e admirastes, decerto, no palpitar fremente da sua vida moderna, erguendo esplêndidas capitais em meio de soberbas paisagens, e cultivando a sciência, as artes plásticas, a literatura, o ensino, a caridade e o amor, com indefectíveis esmeros.

E' este o Brasil a que as vossas almas, andorinhas do Sonho e da Amor, foram levar o beijo espiritual do Raça.

Saudêmo-lo entusiasticamente!

o

E agora que regressastes, é mister recordar: todo aquele vastíssimo território foi outrora colônia portuguesa; para todo aquele estupendo desenvolvimento tem dado Portugal o que tem podido, — dos seus melhores glóbulos vermelhos, dos seus mais fortes braços, dos seus cérebros febris e dos seus mais saudosos corações.

Tirai, portanto, a ilação; meditai no que vistes.

Fostes lá, moços e sonhadores, ainda de batinas e capas esvoaçando, mas, dentro em pouco, capas e batinas deixar-vos-ão os ombros, para recolherem ao armário das recordações.

A vida — a grande luta — breve vos reclamará; e a Pátria, — ansiosa de renovação, de equilíbrio, de avanço, de gente pronta ao desentramamento das suas riquezas morais e materiais, que são imensas, — aguarda-vos para a reivindicação dos seus fóros de nacionalidade e coberta de serviços mundiais e de glórias imperecíveis.

Pois bem, é agir, trabalhar.

D e s p e d i - vos do Amor, do sonho e da poesia, ou g u a r d a i - os nos recessos das vossas almas em transição, e preparai-vos para a grande Batalha, para a urgentíssima Batalha nacional que se nos impõe.

A vossa própria via-

gem a terras de Santa Cruz, trouxe-vos essa obrigação. E' preciso tornar a nossa Pátria digna de si e do Brasil.

o

Os portugueses que, como os que na «Alma Nova» se batem, não foram contaminados ainda pelo vírus do egoísmo, do baixo interesse, da tórpe politiquice e da medonha, crise de caracter, que lavra de lés-a-lés por todo o Portugal, êsses — embora isolados em grupo, tendo de manter ao seu redor autênticos cordões sanitários — esperam-vos dentro em pouco, ou para receber de vós entusiástica e valorosa colaboração, ou para entregar o passado e o presente ás vossas mãos limpas, fortes e generosas.

A. C.



Uma serenata em S. Paulo, pelos estudantes da tuna de Coimbra

Apresentamos as nossas cordiais saudações a todos os elementos que constituíram ou acompanharam a Tuna de Coimbra, cujos nomes temos o prazer de aqui deixar registados:

Direcção: Jacob Pinto Correa (Presidente), José Torcato Leiria e Alfredo Cunha (Secretários), Albino Gonçalves Dias (Tesoureiro) e Mário da Silva Raposo (Vogal).

Director artístico: Prof. Dr. Camara Leite. **Tunos e grupos vários:** António da Mota Lima, Angelo Ançã, Mário de Oliveira, Olindo Moreira Junior, Manuel Frazão, Anibal Almeida, Armando Miranda, Herculanio da Conceição, Hugo Eloy, A. Ladeira, Francisco Veloso, Antonio Marques da Costa, Fernando Costa, Antonio da Cunha Cardoso, Alberto Leite, Henrique V. de Pinho, Carlos Sarmiento, António da C. Mascarenhas Junior, Francisco Fagulha, Manuel do Couto, Júlio Gonçalves Cerejeira, Julio da Cruz Neves, Manuel Marques, João Ferreira, Antonio M. dos Santos

Junior, Adriano Gomes, José da Rocha Peixoto, G. Mendes Barbosa, Joaquim Cabral de Andrade, J. da Silva Ramos, A. Gonçalves Dias, António Campos Júnior, António Celorico Drago, Carlos F. Pereira, Augusto José Guerra, Frederico C. de Albuquerque, M. F. Salvado, H. Pereira da Mota, J. dos S. Malaquias, Lucas Junot, Aires de Barros Faria, Justiniano Mendonça, Armando Reais Pinto, Agostinho Fontes, Edmundo Bettencourt, José P. de Oliveira, Paulo de Sá, Artur Paredes, Duarte Lobo, João Cunha, Manuel Neves, Luís Ginja Brandão, Carlos P. da Mota, A. Gomes de Almeida e M. Gomes de Almeida^s (orador).

Jornalistas: D. José Paulo da Câmara (*Diário de Lisboa*), António Ferro (*Diário de Notícias*), Octaviano de Sá (*Imprensa de Coimbra*).

o

A velha e linda cidade uniu-se a receber com apoteose as festas os seus filhos espirituais, que vinham de a honrar e de se honrarem galhardamente.



Direcção da tuna e estudantes da mesma, rodeando, com o seu estandarte, o nosso director Alcântara Carreira, á sua passagem por Lisboa, de regresso a Coimbra

AS FESTAS DOS MERCADOS

brilhan-
tamente
organiza-
das e
promovi-
das

O

Entronizar a Beleza é pro-
clamar o seu culto, é exal-
tar o sentido estético da vida,
é dignificá-la e merecê-la, —
e a Beleza é ainda e ha de
ser sempre a melhor semea-
dora da Alegria.



As 18 pretendentes á corôa de Rainha dos Mercados de Lisboa

pelo vibrante
vespertino
"Diario de Lisboa"

O

As festas promovidas pelo
Diario de Lisboa, para a elei-
ção da mais linda vendeadeira
dos mercados da capital, ti-
veram assim um alto signifi-
cado de cultura estética e de
civismo



A Rainha eleita, Ilda Fernandes, assistindo entre as suas damas de honor, duas outras Rainhas eleitas,
á tourada no Campo Pequeno, que foi realizada em sua honra



Algumas das figuras da grande comissão organizadora das encantadoras festas

A Comissão Organizadora foi assim constituída:

Presidente: Dr. Sebastião da Costa Santos, presidente da Camara Municipal.
Vice-Présidentes: Columbano Bordalo Pinheiro, artista insigne, director do Museu de Arte Contemporanea; Dr. José Leite de Vasconcelos, etnógrafo notável, professor, director do Museu Etnológico.

Vogais: Alberto de Sousa, artista pintor; Albino Abranches, secretario do ex.^{ma} governador civil; Alexandre Ferreira, vereador; Alfredo Ascenção Machado, arquiteto municipal; Dr. Alfredo Guizado, vereador; Alvaro de Andrade, jornalista; Aquilino Ribeiro, escritor; Augusto Pina, scenografo e artista pintor; Dr. Cactano Beirão da Veiga, vereador; Carlos Simões Torres, procurador da Junta Geral do Distrito; Chaby Pinheiro, professor da Escola da Arte de Representar; Conde de Mafra, dr. Tomás de Melo Breyner, vereador; Conde de Santar, D. Pedro Paulo

de Melo, director-delegado da Companhia do Mercado da Praça da Figueira Eduardo Schwalbach, director do *Diário de Noticias*; Joaquim Fernão Pires, vereador do Pelouro dos Mercados; Dr. Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*; Dr. Joaquim Pratas, antigo vereador; Gustavo de Matos Sequeira, escritor e jornalista; Leitão de Barros, artista pintor; Raul Caldeira, vereador; Tito Martins' sub-director d'*O Seculo*; o Representante da Associação dos Vendedores dos Produtos Agrícolas e Hortícolas; os Representantes da Associação dos Vendedores do Mercado da Praça da Figueira; Pedro Bordalo Pinheiro, jornalista.

Comissão Executiva que realizou o programa:

Joaquim Fernão Pires, presidente, vereador dos Mercados; Albino Abrantes, secretario do ex.^{ma} governador civil; Carlos Simões Torres, da Junta Geral do Distrito; Norberto de Araujo, jornalista.

A viagem dos Estudantes Portugueses ao Brasil

O regresso do Orfeon de Lisboa



O orfeon académico com o seu estandarte, na escadaria da sumptuosa entrada da Escola Politécnica de Lisboa

LISBOA preparou-se para receber com gallardia o regresso da sua jovem embaixada académica ao Brasil.

Fez bem. Tanto os rapazes da tuna de Coimbra, como os do Orfeon Académico de Lisboa, souberam defender e honrar lá fora o nome português.

As manifestações de apreço e carinho, que por parte do povo e da academia, êste, de facto, recebeu, só podem considerar-se excedidas pelas que, ao aportarem ao Brasil, lhes foram feitas pela mocidade dêsse admirável país e pelo patriotismo da nossa colónia.

Não há, por isso, um único estudante que não venha deslumbrado! Não há um único que não traga no recôndito da sua alma a promessa ardente de lá voltar um dia. E isto é útil, utilíssimo, — tanto para o Brasil como para Portugal.

Saúdamo os simpáticos moços que regressaram, julgamos poder saudar, no mesmo brado de fé, o Portugal de amanhã, — um Portugal em que o Atlântico não mais deve ser barreira de separação entre duas pátrias (como aliás o demonstraram, no seu vôo maravilhoso Sacadura Cabral e Gago Coutinho), mas o êlo condutor de duas almas irmãs, vibrando ao ritmo das mesmas aspirações.

Acompanharam o orfeon: pela «Universidade de Lisboa», o distinto professor da cadeira de estudos brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa e ilustre escriptor, dr. Manuel de Sousa Pinto; pelo *Diario de*



Estudantes do Orfeon e comissão de recepção do mesmo, em visita á Alma Nova

Noticias, Gastão de Bettencourt; pel'*O Século*, o tenente-coronel Cristovão Aires, o académico Paulo de Brito Aranha, também orador do orfeon, representava o *Diario da Tarde*; e a convite da direcção, o dr. Zeferino de Sacadura Cabral.

Os estudantes do orfeon e a comissão académica promotora das festas de recepção do mesmo, tiveram a gentileza de visitar a «Alma Nova».

A nossa gravura representa:

Em cima: A direcção do orfeon com os nossos directores e representante, estando, da esquerda para a direita, sentados: Alcântara Carreira (Director da *Alma Nova*), Franco Ferreira (Presidente da direcção do Orfeon), Maestro Herminio do Nascimento (Regente do Orfeon), e Mateus Moreno (Director da *Alma Nova*). De pé: dr. Manuel Gomes dos Santos (Representante da *Alma Nova* junto do Orfeon e orador do mesmo), Barradas Nunes, Carlos de Chaby (Director do Grupo Dramatico), Luis Benavente (id.), e Paulo de Brito Aranha (orador do Orfeon).

No meio: O grupo dramático do orfeon. — Sentados: José Arruda, Carlos Viana (guitarrista), José Freitas e Alvaro Marques. De pé: José Amadeu Lourenço (guitarrista), Melo Lopes, Victor Moreira Lopes, Castro Campos, Paiva de Carvalho, Júlio Freitas e Estevão de Faria.

Em baixo: A comissão de recepção do orfeon. — Sentados: João Correia de Matos, António Fagim (guitarrista) e Marçal Moreira. De pé: Gustavo de Freitas, José de Almeida, Mário de Almeida, J. Machado e António Godinho.

VIDA DESPORTIVA

O Grande Circuito Hípico de Portugal

promovido pelo «Diário de Notícias»



Ten. Brondão de Brito
o 2.º classificado



José Tonganho
o 1.º classificado



Cap. Silvo Dios
o 3.º classificado

TEV E o seu desfêcto a grande prova hípica do Diário de Notícias. Dos 39 coveleiros que em 10 de Outubro soírom de Lisboa, 4 entraram em 3 do corrente, completando assim o raid dentro do proso regulamentado. O primeiro o chegar foi o capitão Rogério Tavares, que não poadde realizar a prova final por lhe ter morrido, horas antes, o montado. O segundo foi o civil José Tonganho que foi por aquete motivo proclamado o vencedor da formídável prova. O terceiro e quarto, que ficorom classificados, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, foram o tenente Brandão de Brito e o capitão J. Silva Dios. O civil Joine Godinho, chegodo pouco depois da hora regulamentor foi o quarto classificado. José Tanganho é neste momento o idolo de Lisboa. Ao capitão Rogério Tavares vencedor morot do raid, preporam-se monifestações no meio militar. O primeiro prémio foi de 20 contos e uma taça ; o segundo de 6 e o terceiro de 4. As nossas govuros representom os 3 primeiros vencedores do raid, executondo o último prova.

Foot-Ball

Abriu no terceiro domingo do mês último, 18, a nossa época de «foot-ball», conseqüente início do Campeonato de Lisboa.

Nos vários campos da cidade, pelo dia adiante, 616 jogadores trabalharam por adquirir uma situação que lhes permita disputar as almeçadas «finais», ainda tão distantes.

Que surpresas nos reservará o Campeonato iniciado no referido domingo? Ainda é cedo para fazer prognósticos, e, em assuntos de sport tudo é falível. Que o diga o Hockey Club!

De interessante houve a registar a «performance» do Benfica que fez jogar as suas 4 categorias — e todas elas conseguiram triunfar.

Eis os resultados dos desafios do referido domingo, 18, em primeiras categorias:

Sporting-União, 2-1.
Belenenses — Victoria,
1-0. Carcavelinhos - Im-
perio, 4-2. Belenenses-
Casa Pia, 3-2.

Em 25: Sporting-
Victoria, 2-0. Belen-
enses-Casa Pia, 2-1.
União-Imperio, 2-0. Car-
cavelinhos-Benfica, 6-2.

Classificação Geral:
Sporting, Belenenses e
Carcavelinhos, 6 pontos
cada. Benfica e União,
4 pontos cada. Casa Pia
e Victoria, 2 pontos.

Hockey

No «rink» do Sport Lisboa e Benfica, jogou-se no domingo 18, a «final» do Campeonato de Hockey de Lisboa, que, mais uma vez colocou frente a frente o Hockey Club de Portugal (campeão) e o Sport Lisboa e Benfica. Foram 80 minutos de jogo correcto, rápido, e esplêndido de energia e entusiasmo. Aos 76 minutos de jogo, o Benfica aproveita uma hesitação de Magalhães, e, consegue com uma bola enfiada com oportunidade, o Campeonato que durante 4 anos sucessivos o Hockey Club de Portugal ganhára.

Entretanto o H C teve uma bola a seu favor, que o árbitro, não sabemos porquê..., teve receio de validar. Este foi protestado, e, no nosso entender, com toda a razão.

Motor

Carlos Black, ganhou o «circuito», do Estoril, pilotando um Bugatti, seguido por Abílio dos Santos, num Mercedes.

Consta-nos que o nosso colega *Os Sports* está tratando mais uma vez de organizar a prova «A rampa da Pimenteira».

Será desta vez que os nossos «volantes», estarão dispostos a arriscar-se um bocadinho, e a deixarem as ruas de Lisboa para quem anda mais devagar?



Francisco Vieira e Cipriano, os dois guarda-redes, respectivamente, do Benfica e do Sporting, que no desafio que ultimamente estes dois Clubs realizaram, para disputa da Taça que tem o seu nome, exibiram defesas de grande valor. Este encontro foi favorável ao Sporting, por 3-1. Em cima, o camarote da imprensa, onde se vêem os jornalistas: Manuel Afonso (da «Batalha»), J. Ribeiro da Silva (do «Correio da Noite»), Belo Redondo (do «Sport de Lisboa»), Licínio de Miranda (do «Correio da Manhã»), Henrique Vieira (da «Tarde»), Rafael Roldan (do «El Mundo Desportivo»), Antonio de Figueiredo (dos «Sports») e Alcântara Carreira (do «Terra e Mar...» de S. Paulo, Brasil).

ALMA NOVA

FAZENDA CARA...

POR
SAAVEDRA MACHADO



O Galanteador:

Vossa Excelência possui um esplêndido
tecido adiposo!

A Nova Rica:

Custou-me a 100 mil réis o metro, nos
Grandes Almagens do Chiado ..

ROJÕES E BANDARILHAS A FESTA DOS TOUROS



CORRIDAS DE «VERDAD»,
EM PORTUGAL. — AFICIO
NADOS E SENTIMENTALIS-
TAS — A ORIGEM DAS
TOURADAS. — A BULA DE
PIO V E UMA «QUADRI-
LLÁ» DE ECLESIÁSTICOS

Três aspectos da 9.ª corrida com que fechou a série da feira de Vila Franca, vendo-se «Barajas», «Angelillo» e Simão da Veiga lidando os seus touros (Clichés do «A. B. C. Fotografico», únicos que existem desta corrida)

A PROPOSITO das corridas verificadas há pouco nas praças de Alcochet, Vila Franca de Xira e Santarém, espectáculos estes que foram promovidos com o fim de concorrer para a beneficencia local, e que tiveram como principais cooperadores, nas duas primeiras, os artistas Antonio Luiz Lopes, *Fausto Barajas* e *Angelillo de Triana*, que tourearam de *verdad*, rojoneando e estoqueando rzes das ganaderias Ribatejana Limitada e Neto Rebelo — alguns organismos se agitaram numa convulsão cuja sinceridade, embora mereça discussão, não constitui o principal objectivo da presente crónica.

É a tourada uma das manifestações de virilidade duma raça, que vem, através de séculos, vincando a vigorosos traços de magnificente luz, os primores duma arte que dá à coragem a mais elegante feição.

As corridas de touros, tem apologistas e detractores.

Os primeiros encontram no dito espectáculo a formosura sensual que lhes enardece a alma e lhes proporciona grande número de emoções. Para eles a corrida tem vida, colorido e arte.

Quanto aos segundos, não fazem mais do que derramar piedosas lágrimas, servindo-se duma piége doentia, numa extraordinária preocupação pela sorte dum touro bravo, sem que formulem a mais leve increpação contra o box, tiro aos pombo, caça, pesca a anzol e dinamite, circulação de carroças de exagerada carga, levando amarrados aos varais famintos animais sujeitos ao chicote, ao aguilhão e ao rancor de quem os conduz, e mais casos que constituem os espectáculos a que involuntariamente assistimos e que ferem tanto a moral e a decencia como a humanidade.

Para os apologistas, a corrida é um espectáculo que regista uma lucta leal, de que o homem pode sair vencido. Os detractores clamam em alta grita, como se se tratasse duma função obrigatória, confundindo o boi doméstico com a fera das lezírias.

São largos e convincentes os argumentos dos primeiros.

A corrida de *verdad*, á parte umas pequenas restrições, revela destreza, galhardia, arrojo.

Esteticamente admirável, rica de emoções intensas, a corrida, sob o ponto de vista tradicional, caracteriza-se pela evocação histórica de rzas recuadas, em que a pelca traduzia a mais afincada significação, a ponto de a incluírem nos votos religiosos praticados após as victórias alcançadas pelos nosos, em várias empresas guerreiras.

Abundantes elementos para o estudo da psicologia do povo peninsular, fornecem os espectáculos taurinos, cuja definição aflora eternamente aos lábios das lindas manolas:

El arte de los toros he bajado del cielo.

... Veem do céu, donde aliás provem tudo que

causa prazer e compraz os nossos sentidos. Sómente a índole dos povos da Península Ibérica, deu vulto, mais do que nenhum outro povo, à festa dos touros, festa que obscuramente se tem afirmado ser de origem sobrenatural.

É grande a diversidade de opiniões sobre o principio de tal diversão

Assim há quem avenge que o inicio da arte taurina se manifestou em tempos imemoriais, em que ciclópicos lidadores se haviam com enorme bestas bicornudas.

D. Nicolás Moratin, diz que a festa não vem do dominio dos romanos, mas sim dum costume árabe, que foi seguido pelos cristãos.

Estebañez Calderon, no livro *Esceas Andaluza* afirma que os espectáculos de touros não veem dos romanos, nem dos godos, nem dos árabes; coincide com o nascimento da primitiva monarquia cristã da península hispânica, e, segundo um escrito atribuido a Clavijo y Fejardo, a festa teve a sua origem na Itália.

Fosse qual fosse o local onde primeiro se registou, o certo é que apaixonou os povos, incorporatn do-se nos seus costumes e aperfeiçoando-se a da ponto, que hoje depende duma arte que é ilumina a por uma das mais positivas sciencias.

Que é indicio de barbarie, dizem.

Salvo um ponto ou outro, absolutamente discutivel, quem acredita em tal vislumbre?

Uma vez que o progresso caminha a gigantesca s proporções, marcando aspectos de luminosa perfeição e vincando uma civilização pronunciada com vigorosa intensidade, em vários países, como sejam França, América e Itália, como se pode concordar com os curtos vãos daqueles espiritos de resumida comiseración?

Até sob o ponto de vista social, as corridas tem interesse.

A Arte Tauromáquica adquiriu plenitude, estabilidade e vigor, no começo da segunda metade do século XVIII, data em que a prática dos dogmas do toureio deixam de ser exclusivo da aristocracia, para depois se afirmar a egualdade dos direitos do homem.

Pelas gerações adiante, a *afician* aos touros, desenvolve-se, toma crescente volume, coroada pelo prestigio toureiro de dois países — Portugal e Espanha, — aquele no toureio equestre e o último no *de a pie*.

Hoje há um exército de profissionais do toureio, tendo os artistas tantas corridas a aumentar no seu *craquis* da temporada, á maneira que o tráfico ferroviário se desenvolve.

Para conduzir os diestros, trabalham os autos de força e acroplanos — haja em vista Juan Silveti, que já possui o *brevet* de aviador.



JOSÉ LUÍS RIBEIRO

(Pépe Luis)

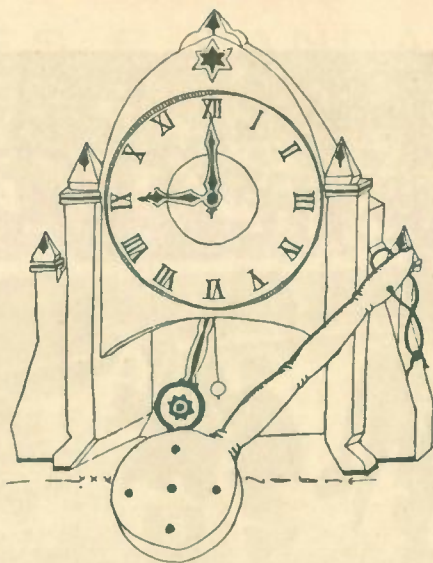
Nosso cronista tauromáquico

RECORDAÇÕES

E

NOVELAS

O



O RELOJIO

DA

MINHA ESCOLA

O

SEMPRE que invocamos os nossos tempos escolares, sentimos chegar até nós, numa poeirada de luz, um bando alegre de saúdaes. Temos saúdaes de tudo. Lembramo-nos sorridentemente daquele condiscipulo que arreliaua o mestre, por nunca saber a lição, e também dum outro endiabrado que passava a aula a lazer caretas.

Mas, dentre todas as recordações dos meus tempos infantis, há uma que bastante prende o meu espirito — a do reloujo da minha escola.

Êste era um objecto de lino gôsto, com uma aparência elegante e artisticamente acabado. A sua apresentação era distinta e denotava uma ascendência nobre, talvez saído das mãos de algum relojeiro aristocrata.

Creio, no entanto, que o artifice descurara um pouco o seu maquinismo, motivo porque lalseava a sua origem, adoptando ás vezes um irónico principio dos socialistas preguiçosos — um descanso de sete dias na semana.

No momento em que escrevo não posso distinguir a marca de tão precioso medidor do tempo. Suponho que deve ser um reloujo de rodas, talvez daquele sistema que Gilberto, arcebispo francês, inventou no século X.

É claro que o reloujo não era dêsse século.

Na escola regia gosava da mais alta situação — estava por cima da cabeça do mestre.

Lá do alto do seu assento dominava êle a aula inteira e era contemplado anciosamente como se a sua rendilhada caixa — pequenido oratório — deixasse ver lá dentro, nas horas de aliação, a milagrosa Santa Rita, — a senhora dos aflitos.

Êle era para a escola o que o reloujo da torre é para a população da minha terra. De dia advertia para o trabalho ou para o descanso; de noite, quando tudo dorme, só êle vela, só êle se faz ouvir no silêncio das trevas, pronto sempre a despertar os que tenham de se erguer de madrugada para ganhar o pão de cada dia.

Com o reloujo da escola dava-se quasi a mesma cousa. De manhãzinha o seu toque era muito familiar, claro e alegre. Parecia lalar-nos e nós compreendiamos-lo:

— «Para o trabalho, meus meninos, já são nove horas; o sol já vai alto, o lavrador já trabalha há muito e o operário também. Vinde, meus meninos, é preciso aprender».

Aqueles que ficavam na cama, segredava-lhes, com voz grave:

— «Preguiçosos, levantai-vos e vinde estudar com alegria, para serdes um dia uns homens úteis a sociedade».

As quatro horas tinha outro som. Parecia dizer:

— «Estou contente convosco, trabalhastes. Ide brincar e descansar, mas não esqueçais as vossas obrigações, e até amanhã».

Era como se ve um reloujo importante, o reloujo da minha escola! Não tão célebre como o da catedral de Strasburgo ou o de Berne, porque não punha em movimento figuras muito grandes. Simples mente, logo que batiam as quatro, movia uma personagem muito grande para nós — o nosso professor, que se via obrigado a mandar-sair, lacto para nós mais importante do que o descobrimento dum elixir de longa vida.

Ora, era justamente isto que tornava o reloujo simpático para todos. Com quatro badaladas punha tudo na rua.

Eu também nutria por ele certo afecto, mas êsse sentimento esmoreceu-se, em razão de dois acontecimentos sensationais, dois episódios dignos de relato.

Num sábado, dia de doutrina, fôra chamado ao catecismo. O meu mestre perguntou, num tom de sacerdote:

— Quantas são as obras de misericórdia?

E eu, num voz cantante, papagueei:

— São catorze: 1.º — ensinar aos ignorantes; 2.º. — e disse outro disparate.

O professor, furioso, respondeu imediatamente:

— 1.º castigar os que erram, — e vá já pôr-se de joelhos até ao fim da aula!

Terrível sentença! Era uma desconsideração aviltante, que ia lcrir o meu amor próprio, o meu orgulho de criança estudiosa.

Olhei para o reloujo e vi que para o fim da aula faltava um quarto. Um quarto de hora de joelhos!

Se tivesse já conhecimento da vida de Rabelais, lembrar-me-ia do seu terrível quarto de hora.

Pus-me então a cumprir o castigo. A todo o momento esperava ouvir as quatro, para me libertar de pena tão humilhante. Mas, qual não foi a minha raiva, quando, num rápido olhar, observei que o reloujo havia parado e que a tão desejada hora da saída não chegava.

Diz a Biblia que a estrêla do dia — imenso cronómetro da Terra — parou uma vez por determinação de Jesuê. Todos acreditaram numa vontade divina e calaram-se, esperançados. Eu, diante daquele infimo rival do Sol, só julguei ver uma fôrça diabólica, e quedei desesperado.

Conlesso que não sei mesmo descrever o que se passou na minha alma de criança, ao ver que os ponteiros não andavam.

Por ser tímido e obediente, não repontei; mas o reloujo, êsse arraliou-me.

Doutra vez escrevi num ditado *luta sem c* e não pus um ponto num *i*. Isto equivalia a um par de palmatoadas em *moeda forte*. Eram as primeiras que apanhava e isso deprimia-me, vexava-me, tanto mais que eu manifestava aos meus condiscipulos um certo orgulho por nunca ter apanhado com a *menina dos cinco olhos*. (Era êste o nome da palmatória).

Uma vergonha! Mas que fazer?

Estendi a mão contrariadamente, quasi revoltadamente, e recebi duas bem soadas. E, caso curioso! no momento preciso em que senti a prita operação terminada, o reloujo dava duas pancadas como se quisesse, irónicamente, árremedar aqueles *bolos* amargos. Aquelas pancadas foram por assim dizer o eco sinistro dos gritos da palmatória.

Como eu me recordei bem! Nas minhas mãos: a palmatória *pá!!!* *pá!!!*

E o reloujo, por sua vez: — *tá!!!* *tá!!!*

São passados mais de vinte anos e ainda lá vejo o reloujo e o professor. Mas como êles estão diferentes!

O professor sorri-me carinhosamente, já não me parece mau nem está zangado.

Só agora sei que por detrás daquele aspecto grave, daquela súsudez quasi agressiva, se ocultava a verdadeira amizade, — tal como por detrás dum farrapo negro de nuvem está a face dourada do sol.

E só agora vejo também, que o reloujo da minha escola regia, — modesto funcionário do Tempo e do Estado — se não desempenhava a sua tarefa de dar horas com *zêlo, assiduidade e muita competência*, era única e simplesmente porque aprendera logo à nascença os vícios do artista que o fez — o homem.

Hoje tenho por êsse reloujo, mais do que simpatia, admiração e respeito. É que o reloujo tem uma missão honrosa a cumprir — que afinal é a missão de todos nós — trabalhar.

• JOSÉ •

GUERREIRO

• MURTA •

(ILUSTRAÇÃO DE ROBERTO NOBRE)

AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES:

PARA QUE SEJAIS « HOMENS »

I

OS BONS EXEMPLOS

VOU falar-vos dum assunto sério, muito sério: não tão interessante para vós como o *foot-ball*, porque ainda sois muito novos para o compreender bem, mas que, desde já, vos deveis habituar a estimar, como estimais o *foot-ball*. Trata-se do ideal de virdes a ser *Homens*, o que é muito mais complicado e difícil do que julgais.

Mas vamos a um exemplo. Seja o seguinte: Um médico regressou a casa numa noite tempestuosa de inverno, cansadíssimo, depois de visitar muitos doentes. Apenas adormecido, vieram chamá-lo á pressa para uma criança pobre, a alguns quilómetros de distância. A-pesar-dos conselhos em contrário: que não valia a pena; que não se ralasse tanto; que aquella gente não era merecedora do que elle se cansava; que a criança, sendo uma desgraçada, melhor era que morresse, — a-pesar-dêsses conselhos, mandou selar o cavallo e partiu. O vento soprava rijo e a chuva inundava a estrada. O cavallo caiu e ficou inutilizado. O médico resolutamente continuou o caminho a pé. E conseguiu salvar a criança. Realizara o alto fim que o arrancara ás comodidades do lar. O que nele havia de superior venceu tudo o que se opunha ao que elle tinha de superior a cumprir.

Ora, que vemos neste exemplo?

O médico dominando-se a si, dominando todos os obstáculos para atingir um determinado fim, e a criança salva e a familia radiante.

Vemos o individuo lutando pelo bem da sociedade, e ao mesmo tempo a sociedade (condicionando, provocando o acto que dignificou, honrou, enalteceu o individuo) contribuir para formar a sua personalidade. — palavra sagrada que significa o homem na posse plena do seu ser, posto ao serviço dum ideal superior.

O médico, no exemplo que citei, deveis ser vós, estudantes; as pessoas que deram os conselhos ao médico, a criança, a familia dela, todas as dificuldades que apareceram: o meio social português.

O individuo, para se desenvolver, ser alguém, ser *Homem*, precisa, portanto, da sociedade; a sociedade para caminhar, para prosperar, precisa do individuo.

Fartos estais de saber, não só por vo-lo terem dito os vossos professores, mas por o terdes ouvido em vossas casas, por o terdes lido nos jornais, que a sociedade, o meio social português, está muito doente, minado há quatro séculos por vícios, defeitos de toda a ordem; que por vezes êste estado se agrava de tal maneira (como está succedendo há uns tempos para cá), que parece que Portugal vai morrer, que de novo, como em 1580, vai voltar o dominio estrangeiro, com todos os seus horrores.

Estais fartos, em suma, de saber que o relaxamento,



AFONSO HENRIQUES
DE
SOARES DOS REIS

OBRA NOTÁVEL DUM GRANDE
ESCULTOR PORTUGUÊS.
NA FIGURA DO NOSSO PRIMEIRO
REL ENÉRGICA, POSSANTE, INTIL-
GENTE, ESTÁ COMO QUE O SIM-
BOLO DO VELHO PORTUGAL DOS
PRIMEIROS SÉCULOS, EM QUE OS
PORTUGUESES SOBERAM SER
HOMENS

(A continuar: II — A influencia do meio)

A . R E I S M A C H A D O

o

Fazer-se *Homem* — é êsse o fim soberano
da vida; e arte, sciência, filosofia
seriam vãs, se não fossem
meios e instrumentos
para êsse fim.

ANTERO DE QUENTAL.

a preguiça, a corrupção, a falta de educação, a indisciplina, o desperdício, dominam o meio social português, ameaçando preparar mui tristes dias a Portugal. Ouvis em volta de vós frases como estas: «Está tudo perdido», «tolo é quem se rala». E ouvis contar histórias, infelizmente verdadeiras, como a que segue:

Um belga, um habitante da pequena e laboriosa Bélgica, foi a uma repartição pública, em Lisboa, colher uns elementos para um trabalho. Procurou o funcionario competente. Eram 13 horas. Não tinha ainda chegado. Voltou ás 16. Já tinha saído. Passou em seguida pelo Rossio. O passio occidental cheio de gente parada. «O que faz toda aquela gente ali?» — perguntou. Resposta: «Não faz nada, está a matar o tempo, está a ver quem passa.»

E nesta atmosfera de desânimo e de inércia, vendem-se consciências como simples mercadorias; quem trabalha, quem é honesto, é considerado raro; as mais belas palavras servem de rótulo aos mais baixos intuitos e não há confiança em ninguém.

E' pois terrível o meio social em que viveis e coma uma semente cheia de força, mas lançada num mau terreno, arriscai-vos a vir a ser, em vez duma planta útil e robusta, um pobre vegetal estiolado.

Mas quanto pior é o meio, mais valor há em o dominar, em saber fugir á influencia má que elle exerce.

Eu vou procurar dizer-vos o que tendes de fazer para dominardes o meio e não serdes dominados por elle, para libertardes o vosso ser de todas as influências más que procuram escravisá-lo, tanto mais perigosamente, quanto vos tornam escravos, persuadindo-vos de que vos tornam livres.

Nunca conhecestes certos individuos que passam existência descendo de tudo, fazendo pouco de tudo e de todos, todos considerando uns idiotas e gósando a vida á custa deles num falso gôso com que procuram iludir-se a si mesmo? Tem havido e há muitos em Portugal; alguns chegaram a impregnar do seu pobre espirito a literatura portuguesa, envenenando gerações. São homens livres? Não, coitados, — são escravos.

Ora é na liberdade, mas na verdadeira liberdade, — (no dominio do que em nós ha de inferior e na sejeição ao que em nós ha de superior), que encontrareis a maneira de vencer o meio, de o transformar num sentido melhor, em vez de serdes vencidos por ele e transformados num sentido pior; é nela que encontrareis a maneira de em vós criardes uma personalidade: felicidade suprema, em que todas as vaidades, as invejas, as maledicencias desaparecem, para darem lugar, apenas, ao espirito livre — trabalhando, produzindo, criando.

NOTAS SUBSIDIARIAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA

Pelo capitão JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. — TÍTULO II. — LIVROS (VERSO)

- 203 **Almeida Russo** (Rogério Marques de) — (Cap. Mil.º de Artilharia, do 3.º G. B. A. do C. E. P.) — «Arquivo Poético da Grande Guerra» — 270 p., c. il. pelo Tenente João Lima, il. com fotogr. de assuntos da Guerra e vinhetas do mesmo, Major Joaquim Leitão e do Autor, Tip. da Comp.ª Port.ª Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor. Com prefácio e Nota final
(E' a compilação de 122 poesias de combatentes da Grande Guerra).
- 204 **Alves** (Francisco) — «Ouvi — Poema da Vida» — 133 p., c. il., Imprensa de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d. (1919). Edição do Autor.
- 205 **Ançã** (Manuel) — «A Valorosa Bélgica» — Poemeto, 100 p., il. com o retrato e fac-simile da assinatura do rei da Bélgica, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Ferreira, Lisboa. Com uma Nota final do Autor, referente à génese do poemeto: a invasão da Bélgica pelos alemães.
- 206 «**Aventuras** dum soldado português nas trincheiras da França» — folh. 8 p., c. il., s. l., Lisboa, s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 207 **Barata da Rocha** (Alfredo) — (Tenente médico, do Bat. de Infantaria... do C. E. P.) — «Fala a mãe desconhecida do herói desconhecido» — folh., Porto, 1921. (Esta poesia foi depois incluída no livro do Autor, posteriormente publicado, — «Névoa da Flandres».
- 208 **Idem** — «Névoa da Flandres. Versos de Alfredo Barata da Rocha, Soldado da Guerra Grande. 1917-1918» — 134 p., c. il. por Antonio Carneiro, Empresa Industrial Gráfica do Porto, Porto, 1924. Edição da Renascença Portuguesa, Porto. Prefácio do Autor.
- 209 **Barros** (João de) — «Ode á Belgica» — 16 p., Tipografia A Editora, Lisboa, 1914, Edição de Aillaud Alves & C.ª, Lisboa.
- 210 **Idem** — «Oração á Patria» — 87 p., c. il., Tipografia de A Editora, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Aillaud, Lisboa. Tem 2.ª edição.
- 211 **Brochado** (Alfredo) — «O sangue dos herois» — Ode, 8 p., Amarante, 1921.
- 212 «**Cartas de França**, do soldado á sua namorada» — folh. 8 p., c. il., Tipogr. da casa Progresso, Lisboa, s. d., Edição de Salvador dos Santos Romano. (E' o volume n.º 13 da «Colecção Popular»).
- 213 **Casimiro** (Augusto... dos Santos) — «A Hora de Nun'Alvares» — 48 p., c. il. por Alberto de Sousa, Tipogr. da Sociedade Tipográfica Editora, Lisboa, s. d. (1917). Edição da «Atlantida», Lisboa.
- 214 «**Ceroulas** (As) do Kaiser» — flh. 8 p., c. il., Imprensa Lucas, Lisboa, s. d. Edição da Livraria Barateira. (E' o vol. n.º 24 da «Colecção Popular»).
- 215 **Corrêa d'Oliveira** (António) — «Soldado que vais á guerra» — 83 p., il. com vinhetas, Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1918. Edição da Livraria Portugalá, Lisboa.
- 216 «**Despedida** (A) dos nossos officiaes e soldados que vão para a guerra» — folh. 8 p., c. il., s. l., s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 217 **Dias** (António) (Niotano Saide) — «Grito de Camões» — folh. 14 p., com retrato do Autor, Minerva Central, Coimbra, 1916.
- 218 **Carvalho** (Xavier de) — «Cantos épicos da Guerra» folh. 32 p., Paris, 1918.
- 219 **Caldas** (José Luis de) — «Mundo de feras» — Poemeto, 69 p., Lisboa, 1924.

(Continua)

TERRAS DE PORTUGAL

AS ROMARIAS DA BEIRA

(Conclusão)

A capelinha da Senhora do Castelo fica assente no pincaro do Monte Alafão, rutilante de brancuras de cal e festiva na limpidez do azul diáfano do céu.

Sobre a data em que foi fundada perdem-se as minhas cogitações nas eras mais remotas da antiguidade.

Nada diz o *Santudrio Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, publicado em 1716, que faça luz clara, antes refere o frade da Ordem dos Agostinhos Descalços «emquanto à origem e principios deste Santuário, não pude descobrir coisa alguma com certeza». Nos *apontamentos históricos*, assinados por Fernão Lopes d'Almeida — o 5.º senhor de Lafões — apresenta-se como autêntica uma historieta de amores e dela tira a fundação desta ermida.

Foi passada na côrte de Afonso V, onde havia uma distinta e nobre dama, de peregrina beleza, D. Izabel de Castro, que se tomou de amores com D. Vasco d'Almeida, cavaleiro de nobre estirpe e da intimidade do rei, primo do famigerado D. Duarte d'Almeida, impagável figura da batalha de Toro, que os *Apontamentos* dão como oriundo da casa senhorial da Cavalaria, em Vouzela.

Os jovens namorados morriam um pelo outro. D. Vasco, que era um austero character de português decidido, em virtude de intrigalhadas

políticas dirigiu palavras acriminosas ás faces de Afonso V, que lhe valeram uma ordem de prisão e a ter-se exilado mais tarde em terras de França. Voltando ao país, soube que a sua amada, desgostosa, já não vivia.

D. Vasco foi então para Vouzela, entregando-se, ao acaso, pelos montes de Lafões, onde só encontrava nos vales solitários o linitivo para as suas tristezas.

Procurou o Monte Alafão e ali mandou construir uma capelinha junto da casa que escolheu para sua residência e onde morreu em 10 de fevereiro de 1510.

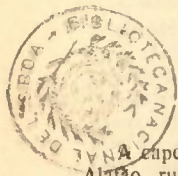
Verdadeira ou falsa, é esta a história resumida dos *Apontamentos*, não deixando de ser apreciável o gosto estético de D. Vasco pela escolha daquele adorável lugar, excelente refúgio para o espirito se embrenhar na contemplação da obra maravilhosa da Natureza.

Naquele retiro impressionador, não só há a solidão que nos liberta dos homens e das perversidades mundanas, como há o encanto das altitudes que nos faz admirar os mais empolgantes quadros da pitoresca região beirã.

Quem uma vez tenha a ventura de visitar o Monte Alafão fica com o espirito arrebatado de encantamento e viverá por muito tempo impressionado na estesia do momento delicioso em que a sua sensibilidade emotiva vibrou de assombro perante as magnificências daquela hierática natureza.

(Saturém)

JOSÉ OSÓRIO



SANTOS MENDONÇA, Limitada

RUA DOS SAPATEIROS, 86

L I S B O A

TELEFONE: CENTRAL-1251

RUA DO COMÉRCIO

O L H Ã O

TELEGRAMAS: «TOSMEN»

CÓDIGOS: A. B. C. STH. Ed. RIBEIRO

FORNECE TODOS OS ARTIGOS RESPEITANTES A PESCA

◆ ◆ ◆
REDE, FIOS, FOLHA DE FLANDRES
ESTANHO, CHUMBO, ETC.

/ ◆ /
FILIAIS E AGÊNCIAS: PORTO — SETÚBAL — OLHÃO — PORTIMÃO
E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LIVROS E PUBLICAÇÕES * * RECEBIDAS * *

Sendas de lirismo e de amor. Novelas de Ferreira de Castro. Edição Spartacus, R. Fanqueiros, 277, 2.º E. Lisboa. Capa de Roberto Nobre.

Génio da desgraça, livro do Centenário de Camilo, por Joaquim Leitão. Ed. Ottagrafica L.da, Lisboa. Conde Barão, 50, Capa de Cristiano de Carvalho «Cartas inéditas» em facsimile de D. Ana Plácido e Silva Pinto.

Deus-Pan, contos rústicos e paisagens, de José Dias Sancho. Edição da «Renascença Portuguesa». Porto. Capa de Roberto Nobre.

Cartas de Amor da Sórora Mariana ao Cavalheiro de Chamilly. Tradução de Luciano Cordeiro. Capa e ilustrações de Alberto de Sousa. Edição de grande luxo. Editora Livraria J Rodrigues & C.ª, Lisboa. Prefácio de Matos Sequeira. 4 hors-text em tricotomia.

El Consultor Bibliográfico, n.º 3. Publicação mensal. Director, J. C. Del Giudice. Barcelona.

Portugal, n.º 50 e 51. Revista portuguesa quinzenal ilustrada, do Rio de Janeiro. Director, Rui Chianca.

Seara Nova, n.º 55 a 59. Revista de doutrina e crítica, dirigida por um grupo dos nossos mais brilhantes intelectuais.—Lisboa.

Memórias, de Raul Brandão, 1.º e 2.º vol., ed. Aillaud e Bertrand, Rua Garret, 175. Lisboa.

Sermões dum leigo, de Ricardo Jorge, edição da Empresa Literária Fluminense, Rua dos Retroseiros, 12½—Lisboa.

Almas delirantes, de Luís Cebola, ed. Livraria Central Editora. Avenida Almirante Reis, 14-A, 14-C. Lisboa.

Dia de Sol, de Jorge Noronha de Oliveira, ed. Cosa Velazquez. Sevilha.



MALA REAL INGLESA

VAPORES A SAIR EM NOVEMBRO

Para Buenos Aires e outros portos
do Brasil

Dia 2	Arlanca
" 16	Avou
" 19	Darro
" 30	Almanzora

Para Southampton

Dia 13	Almanzorn
" 28	Andes

Para Liverpool

Dia 11	Deseado
------------------	---------

LIVROS E PUBLICAÇÕES * * A APARECER * *

A Livraria J. Rodrigues & C.ª — R. do Ouro, que passa desde este número a se a nossa editora, além de um *Tratado de T. S. F.* e vários livros escolares, fará publicar na corrente época, o seguinte:

Contos e Narrativas, do falecido Almirante Braz de Oliveira.

De Tomar à Flandres, por Ferreira do Amaral.

A Crise Nacional, por Anselmo de Andrade.

Sermões não encomendadas, pelo dr. Alberto de Oliveira.

*

Livraria Aillaud e Bertrand, Chiado. O decano dos livreiros editores portugueses vai editar também uma revista — *A Ilustração* — e deve fazer sair brevemente os seguintes livros:

Trabalhos forçados, (2.ª edição), de João Chagas.

Memórias diplomáticas, de Alberto de Oliveira.

Páginas escolhidas, de Afrânio Peixoto.

Novela do amor humilde, por Norberto d'Araujo.

Casa Verde, romance de D. Virginia de Castro e Almeida.

Verbo Dar e Verbo Amar, versos de António Correia de Oliveira.

Sciência sexual, um novo volume de Asdrubal de Aguiar.

Biblioteca Infantil: contos de Carlos Selvagem A Sérgio e Jaime Cortezão.

Colecção Aillaud: algumas traduções dos melhores escritores mundiais, em edições baratas e artísticas.

Renascença Portuguesa — Porto. *A nova guerra e a artilharia*, por Mateus Moreno, a aparecer em janeiro.

(Continua no proximo numero)

ATENÇÃO!

Interessa-vos anunciar na "ALMA NOVA", porque é uma revista lida em todo o Continente, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro. Pedir prospectos e preço dos anúncios, na redacção e nas principais agências anunciadoras.

ALMA NOVA

A MELHOR SARDINHA DE PORTUGAL



GOUVEIA & SANTOS

R. ASSUNÇÃO 42-2º LISBOA - PORTUGAL
ENDEREÇO TEL. - GOUVEISSAN - TELEFONE - N. 5396

M A R C A S
M U N D I A I S

LA CONQUÊTE E FRIANDISE